

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**NEUDE SIRQUEIRA DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E MEMÓRIAS DOS VELHOS NA FÁBRICA CIMBA EM  
ARAGUAÍNA.**

**ARAGUAÍNA/TO  
2016**

**NEUDE SIRQUEIRA DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E MEMÓRIAS DOS VELHOS NA FÁBRICA CIMBA EM  
ARAGUAINA.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura.

Orientadora: Professora Dra. Vera Lúcia Caixeta

ARAGUAÍNA/TO  
2016

**NEUDE SIRQUEIRA DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E MEMÓRIAS DOS VELHOS NA FÁBRICA CIMBA EM  
ARAGUAÍNA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura.

Orientadora: Professora Dra. Vera Lúcia Caixeta

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Vera Lúcia Caixeta

---

Professor Drº Braz Batista Vaz

---

Professora Drª Marisete Cristina Soares Lunckes

## DEDICATÓRIA

Primeiramente agradeço a minha família por compreender minha ausência no seu cotidiano para conseguir a realização de um sonho e assim ter condições de ajudá-los futuramente.

Aos meus pais Pedro e Albertina, por sempre me apoiarem em minhas decisões; por me encorajar a lutar todos os dias pelos meus sonhos e me dar forças quando eu mais precisei.

A minha irmã Nilva por ter me motivado a nunca desistir e pelos seus conselhos na hora certa. A minha amada e dona do meu coração, Elaine, minha filha que chorou junto comigo nos momentos mais difíceis e sempre me dava colo e falava “mamãe não chora, eu tô aqui”, a senhora vai dar conta e assim me abraçava.

Aos meus sobrinhos Isadora e Gabriel, por ser minha alegria. A minha amada prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marisete Cristina Soares, por todo apoio, incentivo e carinho.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho se tornasse possível, meu muito obrigada!

## AGRADECIMENTOS

Á **Deus** pelo dom da vida, por ter me dado força para não desistir e pelos sussurros ao meu ouvido quando eu precisava de uma luz e me aconselhava nas minhas orações.

Á minha família pela compreensão e pelo apoio nos momentos que eu mais precisei. Ao meu **pai Pedro**, que mesmo brigando comigo, sempre tinha uma palavra de incentivo. A **mãe Albertina**, por não deixar a peteca cair, me dando amor, palavras amigas, conselho nunca permitindo que eu viesse a desistir dos meus objetivos e ainda me apoiava nas minhas decisões.

Em especial agradeço a minha irmã **Nilva**, que mesmo sendo a caçula da família teve maturidade suficiente para me incentivar, me impulsionar em buscar meus sonhos, me passando a confiança e a certeza que eu venceria.

A minha filha **Elainny**, por muitas vezes precisar de um carinho e eu não estava presente pra lhe dar, ocupada com os trabalhos. Agradeço pela compreensão, pois passava dias sem vê-la, saía cedo para trabalhar e ela ainda dormia. Quando retornava da universidade ela já estava a repousar. Somente nos víamos no fim de semana, quando tínhamos algum tempo para conversar. Ela é uma menina forte e guerreira que enfrentou tudo isto comigo, sendo uma verdadeira mocinha, mostrando que sempre estaria ao meu lado. Acontecesse o que fosse eu teria seu amor, seu respeito e sua dedicação.

Agradeço imensamente a **profª Drª Mariseti Cristina Soares Lunckes**. Graças a sua persistência, me dando forças e incentivo, cheguei até aqui. Ela contribuiu grandemente para a minha formação acadêmica, me apresentando a realidade da vida e me mostrando que somos capazes de conquistar grandes coisas quando confiarmos em nosso potencial e lutamos pelos nossos sonhos. Ela se tornou minha segunda mãe, amiga, conselheira e crítica. Dando-me seu amor, seu carinho e sua atenção.

Á todos **os professores** que atuam no Curso de Licenciatura em História, pelo aprendizado e pelo conhecimento repassado e principalmente pelo apoio e incentivo.

À minha Orientadora **Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Caixeta**, que foi de suma importância para a realização e concretização deste trabalho.

Agradeço a meus amigos fiéis que conquistei no decorrer do curso e sempre estiveram ao meu lado me dando apoio, amizade e incentivo nos momentos felizes e tristes durante esses cinco anos de curso. São eles: **Elisônia Neres, Elenice Caixeta, Milene Leite, Bianca Aragão, Maiane Oliveira, Maurício Oliveira**. Agradeço também aos demais colegas: **Cleyton, Letícia, Héliida, Eli, Adriano, Jandelma, Porcina**.

Quero ainda agradecer duas pessoas com as quais tive oportunidade de conviver um pouquinho na faculdade. Primeiramente, a **Iara Ferreira**, por ter cedido às entrevistas com os relatos dos ex-operários da fábrica Cimba. E também a **Andressa Alves** pelo incentivo e amizade.

Tenho que agradecer em especial a essa pessoa que me conquistou com sua simplicidade e humildade, ganhou meu carinho e respeito e aos poucos fomos nos tornando amigos. Asseguro que criei um vínculo muito lindo com essa pessoa muito especial para mim. **Jorge Luis do Carmo**, obrigada por tudo amigo.

Agradeço ao meu namorado **Denis**, por ter suportado as minhas raivas, tristezas, loucuras, minha ausência, minha falta de carinho, falta de paciência estresse. Sempre estive ao meu lado me apoiando, me incentivando a não desistir, muitas vezes me emprestando seu ombro amigo para que eu chorasse e acalmasse meu coração.

Não poderia deixar de agradecer aos meus animaizinhos de estimação que, de certa forma, eram um refúgio para minha melancolia e estresse. Eles me alegravam com seus carinhos. Meus cachorros **Back** e **Sid** meus gatinhos **Dunga** e **Mimi**. E, em memória, a minha cachorrinha "**Shena**". Vocês são minhas paixões.

Obrigada a todos.

## RESUMO

A abordagem biográfica feita por meio de memórias e narrativas de histórias de vida dos velhos operários da fábrica da Cimba é uma forma encontrada de aproximação acerca das relações interpessoais entre indivíduo e sociedade, bem como uma ligação entre o presente e o passado. Ou seja, é como percorrer uma estrada estreita, estabelecendo o teórico-metodológico, importante recuperação das dinâmicas que envolvem as relações sociais. O estudo das histórias e memórias de uma vida remete a processos sócio-históricos que englobam a realidade vivenciada. Ao narrarem um pouco da sua vida, os sujeitos traçam lógicas simbólicas, relatando suas experiências através de olhares sócio-afetivos das memórias. A questão objetivada neste trabalho se refere a forma como o trabalho era desenvolvido na fábrica, a relação trabalhista estabelecida, o domínio patronal exercido pelos donos da fábrica, a subordinação e o poder destes sobre os funcionários, a fama dos irmãos Boa Sorte e os mitos sobre a fábrica. Na época, a fábrica era famosa em outros estados por oferecer trabalho e muitos eram trazidos à cidade na esperança da conquista de terras na frente pioneira, além de ficarem empregados na Cimba. Desta forma, muitos trabalhadores chegavam e ficavam trabalhando na Cimba ou nas propriedades dos donos da fábrica, pois o trabalho da fábrica começava lá na fazenda ou nos cocais para a produção do sabão do coco Babaçu, ou na produção de produtos para a construção civil. Os relatos dos ex-operários foram essenciais para conhecer um pouco da história sobre a fábrica e, conseqüentemente, toda a relação dos empregados com esse meio fábril.

**Palavra-Chave:** Cimba. Araguaína. Operários.

## **ABSTRACT**

The biographical approach made through memories and narratives of life histories of the old workers of the Cimba factory is a found form of approximation about the interpersonal relations between individual and society, as well as a connection between the present and the past. That is, is to go through a close establishing the theoretical-methodological important recovery of the dynamics that involve social relations. The study of the stories and memories of a life refers to socio-historical processes that encompass the lived reality. In narrating a little of their life, the subjects draw symbolic logics, reporting their experiences through socio-affective looks of memories. The question addressed in this paper refers to the way in which work was developed in the factory, the established labor relationship, the bosses' dominance of factory owners, their subordination and power over employees, the fame of the good luck brothers and the myths about the factory. By epoch the factory was famous in other states for offering work and many were brought to the city by the hope of the conquest of lands in the pioneer front, besides being employed in the Cimba. In this way, many workers came and went to work in Cimba, or in the properties of the owners of the factory, because the work of the factory began there on the farm or in the cocais as in the production of soap Coco Babaçu, or in the production of products for the civil construction. The reports of the ex-workers were essential to know through them a little of the history about the factory and consequently the whole relation of the employees with that means feverish.

**Keyword:** Cimba. Araguaína. Workers.

## **LISTA DE SIGLAS**

CIMBA-Companhia Industrial da Bacia Amazônica

CDH- Centro de Documentação Histórica

EUA-Estado Unidos da América

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFTO-Instituto Federal do Tocantins

Km - Quilômetro

MA-Estado do Maranhão

PA- Estado do Pará

UFT-Universidade Federal do Tocantins

%- Porcentagem

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I A FÁBRICA CIMBA NAS NARRATIVAS DOS SEUS ANTIGOS TRABALHADORES.....</b>	<b>15</b>
1.1 A Fábrica CIMBA: atração e formação de trabalhadores.....	18
1.2 A Disciplinarização dos Trabalhadores da Fábrica Cimba .....	24
<b>CAPÍTULO II AS MEMÓRIAS DOS VELHOS: TRABALHO NA FÁBRICA E TRABALHO DE REMEMORAÇÃO .....</b>	<b>29</b>
2.1 Trabalhar e Narrar .....	29
2.2 A Vila CIMBA .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

O tema principal dessa monografia é um estudo sobre as Memórias dos Velhos da Fábrica Cimba. O nome cimba, segundo o dicionário Aurélio, significa embarcação chata sem vela, canoa, barca, embarcação. CIMBA também é a abreviatura da Companhia Industrial da Bacia Amazônica, um pólo industrial e mercantil, a primeira a se instalar na cidade de Araguaína, no extremo norte do estado do de Goiás, hoje Tocantins.

Ao longo do curso de História pensei em vários temas para a realização da monografia. No entanto, ao passar pelas ruas que dão acesso à universidade, deparei-me com as antigas estruturas que restaram da fábrica e a curiosidade aliada à vontade de adquirir algum conhecimento acerca desta fizeram com que optasse por este tema de pesquisa.

Para a realização dessa análise foram utilizadas seis entrevistas, sendo 2 mulheres e 4 homens, moradores de Araguaína, que contaram suas histórias de vida. Nascidos entre os anos de 1932 e 1955, todos na zona rural, assim como a maioria da população brasileira daquela época.

As entrevistas foram cedidas pela Coordenação do Projeto Cimba, uma parceria do Colegiado de História da Universidade Federal do Tocantins, com a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Araguaína-TO, que durante um ano patrocinou seis alunos/bolsistas para fazerem o levantamento e entrevistarem os antigos trabalhadores da Fábrica Cimba. O projeto foi realizado no ano de 2016. Todos os entrevistados ficaram cientes que seus depoimentos seriam utilizados para a realização de trabalhos acadêmicos e autorizam o uso. Enfim, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e encontram-se no Centro de Documentação História – CDH, da UFT, Campus Cimba.

Teoricamente, utilizamos autores como Bosi, Rousso e Porteli, que auxiliam a compreensão do funcionamento da memória. Para Rousso (2005, p.94), a memória é sempre atual; ela é a presença do passado, sobretudo de acontecimentos relativamente próximos; ela é sempre uma reconstrução psíquica e intelectual realizada no presente e que acarreta uma representação

seletiva do passado. Porém, “Um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs”.

São os indivíduos que lembram, mas com as palavras e a sensibilidade do presente e não do passado. Alessandro Portelli (1997, p.7-24) ao refletir sobre a pesquisa oral como um experimento em igualdade, argumenta que “uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca”. (1997, p.9). Significativamente, o autor defende uma forma de “mutualidade” estabelecida entre os dois sujeitos. Ao aprofundar suas reflexões sobre o papel da igualdade e da diferença no campo da pesquisa, ele afirma que: “somente a igualdade nos prepara para aceitar a diferença [...]. Somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante”. Para o referido pesquisador, o entrevistador tem um papel importante, já que “quando o encontro tem lugar à luz da igualdade, não somente o observador, mas também o ‘observado’ podem ser estimulados a pensarem diferentemente sobre si mesmos”. Enfim, “que nossa presença possa facilitar mudanças significativas na autoconsciência das pessoas que encontramos ainda é uma forma, útil, de ação política”. (PORTELLI, 1997, p.24)

Ainda Portelli (1997, p.25-39) ao tentar justificar a importância da fonte oral para a história ressalta os *eventos* e *significados*, ou seja, “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes hegemônicas”. (1997, p.31) Porém, o fundamental parece ser o fato de que “fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que faz” (1997, p.33). Sobre o papel da lembrança, Portelli afirma que a memória não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significações. Essas mudanças forjadas na memória “revelam o esforço dos narradores em buscar um sentido no passado e dar formas às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico”. (1997, p.33). Também para Bosi (1994, p, 55) a memória é seletiva: “na maior

parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

Partindo da premissa de que tanto a memória individual quanto a coletiva é seletiva, faz-se necessário identificar os princípios da seleção e observar como os mesmos variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro. Enfim, como se transformam na passagem do tempo. Le Goff (2003) ressalta que foi na Grécia arcaica que fizeram da memória uma deusa. Ela era o antídoto do esquecimento, porque era fonte de imortalidade. Mais recentemente, os próprios psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer do esquecimento “nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura [...]” imprimem nos indivíduos. Também a memória coletiva foi posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder: “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 2003, p.422). Enfim, a memória coletiva é uma conquista, mas também instrumento e objeto de poder:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p.471).

A idéia principal do estudo é dar significado ao passado dos trabalhadores da fábrica por meio das suas memórias. Pelos depoimentos, o setor Cimba, localizado próximo ao Bairro São João, era uma pequena vila fundada pelos proprietários da fábrica, os irmãos “Boa Sorte”, dentro dos terrenos pertencentes a Cimba. A mesma começou a funcionar em 1964, e uma década depois fechou as portas devido às constantes mudanças do capitalismo exploratório na região. No curto período de funcionamento da

indústria ocorreu à destruição de florestas e cocais, das instalações e dos maquinários, e de uma força de trabalho de homens e mulheres que acreditaram na mudança de suas vidas pelo trabalho na Cimba. As próprias ruínas transmitem um pouco de sua trajetória, um processo acelerado em busca constante da valorização do capital, resultando no esgotamento das forças de produção, e conseqüentemente na exclusão da mão-de-obra (SILVEIRA, 2009).

As ruínas da fábrica fazem parte de um passado que apresenta versões diferentes: um sombrio, frio e violento, próprio das diversas situações que abordavam os trabalhadores das fronteiras, (SILVEIRA, 2009). Outro, de prosperidade e de oportunidade de trabalho para sujeitos pobres e sem recursos de diferentes regiões. As memórias de um passado que insistem em permanecer nas ruínas da Cimba foram aos poucos descobertas e as lembranças enterradas foram sendo relatadas pelos testemunhos. De qualquer forma, é preciso ressaltar que são as visões dos narradores de hoje sobre o passado. Portanto, ele é resignificado.

Embora a fábrica fosse a única presente na cidade, ela abrangia tanto as atividades industriais dentro do centro urbano como também a produção rural por meio de grandes fazendas pertencentes aos donos da fábrica (SILVEIRA, 2009). Hoje se busca transformar as ruínas fabris em “espaços de memórias” dos seus antigos trabalhadores, ou dizendo de outra forma, do “dever de memória”. Esse imperativo reforça o compromisso dos sujeitos sociais com a preservação dos recursos naturais da região, explorados, dilapidados e destruídos pela exploração desenfreada e sem controle. De qualquer forma, o espaço da antiga fábrica foi transformado em Parque Cimba, espaço de lazer da cidade de Araguaína.

Esta monografia está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, buscamos evidenciar a importância da fábrica Cimba nas memórias dos seus antigos trabalhadores. No segundo capítulo, resalta-se o cotidiano da fábrica no imaginário dos seus testemunhos.

## CAPÍTULO I

### A FÁBRICA CIMBA NAS NARRATIVAS DOS SEUS ANTIGOS TRABALHADORES

Uma boa memória não é uma grande memória (que se lembra de muita coisa), mas sim uma memória crítica. Mais relevante que a informação que nos transmite a memória é a curiosidade que ela pode promover. (...) O conhecimento não se esgota na memória. Ao contrário, a memória deve ser um incentivo ao conhecimento.

Luís Miguel Poiars Pessoa Maduro, 2005.

A indústria Cimba foi estabelecida em Araguaína no ano de 1964 e produziu até o ano de 1974. Com 10 anos de atividade, foi fechado após o assassinato do proprietário Ademar “Boa Sorte”. A fábrica produzia vários produtos: óleo, sabão, beneficiamento de arroz, amendoim, algodão, além de produtos destinados à construção civil. Marcou a vida de homens e mulheres, de jovens e velhos que trabalharam na fábrica ou de gente que simplesmente morava nas proximidades.

Segundo Le Goff (1997), grande parte da história de um indivíduo fica registrado em sua memória e essas lembranças lhe dão uma identidade. Ele afirma que:

é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitantecidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (LE GOFF, 1997, p. 139).

No entanto, nem sempre os historiadores utilizaram as fontes orais (entrevistas) em suas pesquisas. Segundo Tedesco (2004), somente em 1970 que essa metodologia passou a ser constante nos meios universitários,

iniciando-se na Inglaterra e posteriormente no EUA. Conforme Bosi (1987), “As lembranças não só devem ser reconstruídas, como é dever do pesquisador, do cientista social, lutar para que sejam”. Assim, abre-se a possibilidade de produção de conhecimento a partir das lembranças. Desse modo, ela afirma ainda que:

Quando uma sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 1987, p. 141).

Por meio do recurso da oralidade, os historiadores têm a possibilidade de usarem as memórias como fonte. Durante o falar, as pessoas recortam e significam o que vive’ram, sentiram e sofreram. Elas relatam o que viram na sociedade: a convivência, a economia e também a religião em épocas passadas. De acordo com Neves (1998), a memória é o melhor meio de acessar o passado. Ele ressalta que:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões, materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque a memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p. 218).

Segundo Alberti (1996), as entrevistas orais permitem que o conhecimento do pesquisador se aprofunde em meio à organização e explanação das informações colhidas.

A possibilidade de realizar entrevistas de história oral com pessoas de grupos sociais distintos não exige o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. Falar de história democrática pode levar ao equívoco de se tomar a própria entrevista não como fonte - a ser trabalhada, analisada e comparada a outras fontes - e sim como história (ALBERTI, 1996, p. 5).

Para Félix (2002), as memórias que se dizem esquecidas pelas pessoas são formas encontradas por elas para se protegerem de algo. Ele afirma que o

tipo de memória que não foi apagado do seu grupo social, mas submetido a um tipo de esquecimento, em geral um silenciamento auto-imposto como regra de sobrevivência para um tempo do ajuste dos ciclos e dos tempos históricos, mas, em nenhum momento, de supressão de lembranças. (FÉLIX, 2002, p. 33)

Le Goff, cobra dos profissionais da memória um compromisso, no sentido de “fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. Enfim, “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Logo, é papel do historiador “trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p.471). Ao pensar nas intrincadas relações entre memória e história, não podemos opor termo a termo, pois eles se alimentam e se excluem, já que tanto a memória quanto a história mantêm suas especificidades ao lembrar/reconstruir o passado.

### **1.1 A Fábrica CIMBA: atração e formação de trabalhadores**

Com a construção da rodovia Bélem-Brasília (BR-153) as distâncias entre o antigo norte de Goiás e o sul diminuíram. Os núcleos populacionais as suas margens cresceram com a chegada de migrantes. Conforme Valverde e Dias (1967), diversas pessoas chegaram a Araguaína provenientes de outros estados como Minas Gerais, Maranhão, São Paulo, Pará e Piauí. Houve uma mudança no fluxo econômico da cidade após a construção da BR-153. A relação de comércio com a região sul do país se estreitou e Araguaína tornou-se um centro econômico. A população cresceu e em pouco tempo passou a ser umas das cidades mais importantes do norte goiano. Seu desenvolvimento começou a partir da construção da Belém-Brasília e ganhou impulso com os investimentos dos governos estadual e federal.

O município de Araguaína, no início da década de 1960, possuía uma área de 9.672 km<sup>2</sup>, com uma população estimada em 10.826 habitantes,

sendo que desta estimacão cerca de 2.382 pessoas residiam na zona urbana e 8.844 viviam no meio rural (IBGE, 1960). Na década de 1970, esse número teve um grande aumento e a populao do município passou a ser de 37.915 pessoas, com cerca de 17.529 no meio urbano e 20.386 no campo. Passada mais outra década, o município já tinha uma populao de 72.069 domiciliares, sendo que 48.024 destes residiam na cidade e 24.045 no meio rural. Desse modo durante o periodo de 20 anos a cidade teve um crescimento demográfico de 665% e um aumento de 2.012% no número de pessoas no meio urbano. (IBGE, 1960, 1970).

Este grande aumento no meio urbano está relacionado, em parte,  passagem da rodovia Blem-Brasília e a constante migrao da populao oriunda do Nordeste, que se estabelecia na frente pioneira em busca de uma vida melhor, além das frentes de expansão pioneiras do sul dos estados do Pará, Mato Grosso e do setentrio goiano, dando destaque para os projetos agropecuários aplicados e planejados para serem desenvolvidos no próprio município de Araguaína (SILVEIRA, 2009).

Na década de 1950, houve a instalao da fábrica Dirce S/A na cidade de Araguaína. Esta era responsável pela fabricao de óleo e cosméticos apartir da extrao das amêndoas do coco babaçu. A matériaprima era optida aqui mesmo na cidade, que contava com grandes babaçuais e utilizava mão de obra de mulheres quebradeiras de coco, que levavam as amêndoas para a fábrica.

As mulheres trabalhavam o dia todo nos cocais e ao fim da tarde os funcionários da fábrica iam em caminhões buscar a produo. De acordo com uma testemunha, o trabalho nos cocais era uma maneira das mulheres ajudarem nas despesas da casa e de se sentirem "independentes" financeiramente. Josefa argumenta que sua mãe trabalhava nesses cocais e vivia do dinheiro recebido pela produo. Ela diz que:

Ela quebrava o coco, uma quarta de coco por dia, aí vinha, trazia aquele coco. Aí ela trazia aquele coco. Eles compravam os cocos das pessoas, quebravam eram uma quarta de coco, conforme seja o tanto. Aí a mãe todo dia quebrava coco e trazia pra cá e vinha de l pra cá. E quando dava no final de semana ela vinha, recebia o dinheiro e comprava tecidos pra nois fazer roupa, pra mim e pra ela, comprava as coisas que a gente precisava l. (Josefa, Araguaína,

2017)

A matériaprima para a fabricação do óleo e do sabão era proveniente do coco babaçu que chegava a fábrica por meio de caminhões. Os cocos recolhidos pelas catadoras eram processados e se transformavam em sabão e óleo, produtos que eram vendidos no mercado comercial de Araguaína e nos estados vizinhos. No auge da produção a fábrica já vendia seu produto em diversos estados.

Na década de sessenta, a fábrica Dirce S/A passou a ser propriedade dos irmãos “Boa Sorte”, Benedito e Ademar Vicente Ferreira e passou a denominar-se CIMBA. Ampliou a planta fabril, aumentando conseqüentemente o trabalho na extração do óleo e também na produção do sabão de coco babaçu. Com o objetivo de garantir o fornecimento de matéria prima, os proprietários da Cimba arrendaram várias fazendas e contrataram mulheres quebradeiras de coco para realizar o trabalho, fazendo o pagamento em forma de diárias ou ainda pela produção. Os gerentes e compradores responsáveis pela fábrica ficavam com o papel de recrutar, transportar e verificar o desempenho das quebradeiras de coco (SILVEIRA, 2009). Embora haja diversas histórias acerca dos proprietários da Cimba, todos os ex-operários entrevistados afirmaram que os seus antigos patrões eram homens de boa índole:

Foi, mas foi um grande homem, deu emprego pra muita gente. Na época aqui só tinha esses aqui, o gaúcho né, era as indústrias que tinha aqui, o gaúcho aqui o atacado né. Deu muito emprego pro povo, muita profissão aí só não ensinou o cara a pilotar avião, mas de tudo saiu daí, soldador, eletricitista, pedreiro, de tudo saiu. (Ernane, Araguaína, 2017)

No entanto, as histórias que envolvem a fábrica deixam algumas dúvidas sobre a personalidade e o caráter dos donos. Os velhos empregados dizem ter ouvido várias histórias, mas não as vivenciaram. O que sabemos é que através da fábrica diversas pessoas conseguiram se profissionalizar, tiveram a oportunidade de trabalhar e manter suas famílias. A fábrica, além de pagar o salário, possuía um grande armazém que vendia suprimentos alimentícios e de limpeza para os funcionários. Os

preços eram inferiores aos praticados no comércio local. Segundo a depoente Neusa, as vantagens na compra de produtos da fábrica se davam pela forma de pagamento, descontado no próprio pagamento. Assim ela relata:

Que era mais barato [mercadorias], até porque na época mesmo não tinha supermercado como tem hoje, era vendinha, eu mesmo quando cheguei aqui, não sabia, nem aquele mercadão não tinha, não tinha não, era aquelas vendinhas, o povo vendia fazia aqueles butequinho de cereais, e a gente comprava, e esse que comprava assim, que vendem assim eles vendem bem caro, eu acho que eles lucravam muito em comprar da própria firma, ela fornecia pra gente pros trabalhadores (Neusa, Araguaína, 2017)

Assim, ao mesmo tempo que os donos da Cimba são vistos como ruins por parte de alguns ex-funcionários – e há um silenciamento sobre isso -, para outros, são bem vistos porque davam emprego:

A cidade ainda pequena não contava com outro meio de achar trabalho era somente na fábrica ou nas fazendas como peões. Na roça pegado o boi e cuidando do pasto, a maneira mío que tinha era fica aqui na cidade, trabalhava na fábrica mesmo. (Aldemiro, Araguaína, 2017).

De acordo com seu Guilhermino, ex-operário da fábrica, muitos vieram pelas histórias que ouviam sobre a cidade:

As pessoas chegavam pra cá vindo de outros lugares como Piauí, Pará e Maranhão por ouvir histórias sob o município que tinha uma fábrica que pegava muita gente, pagava bem e ainda tinha as terras que podiam cultivar, então eu vim do São Felix do Pará pra casa do meu primo, meu irmão veio primeiro de que eu, aí chegou aqui e mandou dizer pra mim que aqui chovia, Araguaína era muito falado nessa época, que a Br passou aqui, e era falado sem vê né... e tinha um bocado de gente mais velha que ouviram tudo lá em Santa Cruz, lá, a maioria veio pra cá... (Guilhermino, Araguaína, 2017)

O município era visto pelos migrantes pobres que residiam na região.

Havia a percepção de que o trabalho fabril era mais leve do que o trabalho na “roça”. Todavia, é preciso enfatizar que os nordestinos também eram atraídos pelo que ouviam nos meios de comunicação utilizados pelos próprios empresários para realizar o recrutamento de trabalhadores. Assim, podiam estabelecer suas próprias regras e conseguir mão-de-obra barata.

Com uma urbanização acelerada e a construção da fábrica, muitas pessoas foram empregadas. Todavia, o número de pessoas que chegavam e ficavam na cidade era bem maior do que o de empregos ofertados pela fábrica. Por isso, muitos voltavam para o campo, trabalhando em fazendas e na extração de madeira. Isto resultou em jornadas extensas e baixos salários, mas as pessoas aceitavam as exigências dos patrões para não perderem seus empregos (MARTINS, 1997, p.95).

Grandes serrarias ofereciam oportunidades de trabalho. Uma das maiores da cidade pertencia aos irmãos “Boa Sorte” que, na planta da fábrica Cimba, já haviam designado um local para a produção de utensílios para a construção civil. Na fábrica havia 150 operários que desempenhavam suas funções na marcenaria. No entanto, havia outras atividades realizadas também por um grande número de funcionários, como a fabricação de óleo e derivados do coco babaçu e o beneficiamento de arroz. A fábrica Cimba foi a maior empregadora da região na época (SILVEIRA, 2009).

De acordo com João Mourão, a fábrica contava com diversos departamentos de trabalho. Ele relata que:

A empresa ela produzia, ela era uma empresa madeireira, ela tinha serraria que produzia que serrava e exportava madeira para fora. Ela tinha fábrica de óleo que era o óleo de levinha, tendeu? Ela tinha mais fábrica de sabão, que é o sabão, ela fazia tanto o sabão de barra como em pó.

E (...) a indústria ela era produtiva. Tendeu? Ela tinha um depósito de açúcar a granel, o açúcar era produzido em outra cidade do Goiás e trazido pra cá, porque aqui não tinham, eles eram também usineiros (João Mourão, Araguaína, 2017).

Os operários trabalhavam com o coco babaçu. Das amêndoas extraíam

o óleo que era processado, envazado e transportado para o comércio. Também havia a marcenaria e o processamento do arroz. Certamente, a fábrica Cimba funcionava como chamariz de trabalhadores para a cidade. É o caso de seu Antônio que veio com sua família. Ele diz:

O pai saiu de Nazaré por que ele via falando de Araguaína aqui né, ai ele disse, “nam, eu vou olha essa Araguaína lá”, aqui era Lontra lembra?! num tinha o nome de Araguaína era Lontra,ai ele veio para cá,ai aqui ele...só fiquemo por aqui,ai foi no tempo da invasão,ai nos tiramo essa quadra aqui,daqui da Muricizal a 2 julho,isso tudo era nosso,isso aqui e por ali passando na Machado de Assis,essa casa tudim aqui foi nossa. (Antônio, Araguaína, 2017)

Conforme relatos de Guilhermino, um ex-operário da fábrica Cimba, os empresários tiveram grande importância para a cidade: “era muito importante assim, porque dava muito emprego para a cidade, depois que acabou e ficou só o casarão veí, aí muita gente perdeu os empregos, não tinha onde trabalhar” (Guilhermino, Araguaína, 2017)

Sobre os irmãos “Boa Sorte”, Josefa, ex-operária que trabalhava na estamparia da fábrica, afirma que seus patrões eram os homens mais influentes da época, tendo poder inquestionável, sendo respeitados por todos. Ela relata que:

Naquele tempo o manda chuva (...) eram eles, eles eram quem dominavam a cidade. Se um funcionário fosse preso, eles interditavam essa rua todinha e mandava a polícia soltar, se não soltasse o negócio iria ficar feio.Mas não ficava nada, porque eles se chegassem lá, podia ser quem fosse, que fosse preso por qualquer crime perigoso, falasse assim: é da Boa Sorte, é? Então solta. Era assim, eles tinham que soltar. (Josefa, Araguaína, 2017.)

Conforme o relato da ex-operária, os irmãos “Boa Sorte” exerciam poder na cidade. Eles eram a autoridade que, inclusive, submetia a polícia! Passavam por cima da lei para fazer valer seus interesses privados. Tendo que cuidar e proteger um grande número de funcionários, tudo valia para não comprometer a produção. O número de trabalhadores não fica restrito apenas aos funcionários da Cimba, mas inclui os trabalhadores indiretos, aqueles que

exerciam funções fora da fábrica. Outros eram empregados em projetos agropecuários, pois a empresa funcionava com dupla função, por se tratar de uma indústria rural.

Os depoentes afirmam que não sabem o número exato de funcionários da fábrica. Josefa afirma que eram muitas pessoas. O mais interessante são as analogias que ela estabelece para fazer referência a quantidade. Ela diz assim:

Era muita gente, oh! Eu não tenho ideia, mas eu sei que era uma folha assim, que a gente via que tava lotado, uma folha de caderno desse livro grosso, aquele cadernão. Só nois mesmo, mulher, era mais ou menos umas 50 mulher, mulher que eu digo é assim, mulher mesmo, mocinha nova, senhora de idade, senhora de 20 anos, de 30. Nessa base. Quando dava meio dia, eles fizeram um banco debaixo de uma árvore e nois sentava era cheio, a gente nunca lembrava de contar, mas era muito. Homem era muito. O pátio ali, que hoje tão fazendo esse Parque Cimba bem de frente aquele campo de futebol, ficava lotado de gente pra trabalhar, quando a sirene apitava 7 horas a gente já tava lá na hora do almoço todo mundo saía. Na hora de entrar a sirene apitava. Era muita gente... (Josefa, Araguaína, 2017).

Vizinho da fábrica Cimba está o Bairro São João. Para os moradores locais, além do trânsito de pessoas e de caminhões, o que ficou na memória foi o toque da sirene. Essa memória sensorial está presente em Josefa. Assim, a saudade que acalenta é a mesma que inspira. As saudades que são invocadas pelos antigos moradores da Rua 02 de Julho, próxima a Cimba, para dividir com os poucos pacientes ouvintes as lembranças de um tempo que não volta mais. E, nessas reminiscências está presente o apito da sirene. Este regulava os horários de trabalho e descanso dos trabalhadores da fábrica, bem como dos moradores do seu entorno!

## **1.2 A Disciplinarização dos Trabalhadores da Fábrica Cimba**

Na fábrica existiam muitos cargos de confiança e várias funções, como marceneiro, operador de máquinas e estampador, entre outras. A fábrica era grande e tinha muitos funcionários, desde crianças a pessoas mais idosas. Todos eram assalariados e desempenhavam funções de acordo com a

necessidade da produção. Muitos trabalhadores prestavam serviço à fábrica indiretamente. É o caso dos madeiros que trabalhavam na exploração da madeira e das quebradeiras de coco, que seria posteriormente processado na fábrica. Porém, o mais importante aqui é pensar na constituição de uma mão de obra disciplinada.

Pelo depoimento de Josefa sabe-se que o tempo da fábrica era regulado pela sirene. Não tivemos acesso a nenhum regulamento, nem sabemos se de fato existiram regras escritas e divulgadas entre os operários. De qualquer forma, nossos testemunhos deram a entender que o trabalho na unidade fabril era diferente do trabalho nas fazendas e em casa. Mas, como formar o trabalhador disciplinado? Nas análises de Foucault, os mecanismos disciplinares são pensados como técnicas de saber e práticas de poder. Assim, a “disciplina”, é definida como: “Um tipo de poder, uma modalidade de exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma ‘tecnologia’” (FOUCAULT, 1977, p.189).

Como resultado dessas técnicas e práticas de poder sobre os corpos, fabrica-se “indivíduos úteis”. As reflexões de Foucault permitem discernir e analisar a formação de mão de obra garantindo a “submissão das forças e dos corpos”, a “docilidade” e a “utilidade de todos os elementos do sistema” (1997, p.191). Assim, a formação da disciplina implica necessariamente no domínio do corpo, que se reflete nos gestos, nas atitudes, na postura, na escolha da melhor maneira de se fazer, de se colocar, de agir, de operar, de portar-se, de usar e canalizar as energias, de se utilizar os membros para o trabalho do tipo fabril.

Refletimos aqui sobre o propósito do empresário da fábrica Cimba em transformar o camponês, o artesão, o trabalhador rural, a dona de casa em operários industriais. Pensamos nas estratégias que tornassem essa mudança possível. Assim, era preciso transformá-los, adaptá-los tecnicamente com novas habilidades e conhecimentos; dar novos valores e posturas, para que pudessem aceitar a disciplina fabril. Do sucesso dessa empreitada dependia o bom funcionamento da fábrica, a utilização eficiente dos maquinários e a maior produtividade dos trabalhadores.

Assim, a produção da disciplina no interior da fábrica era fruto da ação conjunta de mecanismos espaciais, funcionais e de um sistema de penalidades e premiação. “A disciplina”, segundo Foucault (1977, p.130) “procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isto, utiliza diversas técnicas”. A primeira delas é a “cerca”, algo que separa o espaço físico fechado da fábrica dos outros espaços sociais.

No interior da fábrica havia a divisão em seções bem definidas e, nestas, havia a relação direta e imediata no controle e fiscalização dos chefes sobre os subordinados, como ressalta um antigo trabalhador da fábrica Cimba, João Mourão:

A empresa ela produzia, ela era uma empresa madeireira, ela tinha serraria que produzia que serrava e exportava madeira para fora. Ela tinha fábrica de óleo [...] Ela tinha mais fábrica de sabão, que é o sabão, ela fazia tanto o sabão de barra como em pó (João Mourão, Araguaína, 2017).

Havia diversas funções distribuídas em várias seções como caldeiraria, refinaria, serraria, estamparia, saboaria e marcenaria, oficina e armazéns, além do setor de transporte. Os funcionários iam para outras seções de acordo com a necessidade na produção, não tinha um local certo para trabalhar, podiam exercer várias funções, tudo dependia das ordens dadas pelos gerentes de confiança dos patrões. Desse modo, a ex-funcionária Josefa recorda o tempo em que trabalhou e descreve as seções pelas quais ela passou:

A primeira era a marcenaria, depois fui para a estamparia, depois fui para a máquina que fazia óleos levinha, aquelas latas grandes. Fui trabalhar. Fazer as latas, e depois parei de fazer latas e fui pra um lugar onde o óleo passava na refinaria, aquelas torneirinhas, aí botava uma lata debaixo de cada litro, aí tinha uma torneira, arribava aquele cabo, e os óleos entravam nas latas, quando enchia a gente tornava puxar, puxar pra lá. Cada um tinha uma profissão, um pra encher, outro pra puxar a lata, outra pra tampar, outros pra colocar as caixas, sabe? Aí saí dali e fui pra estamparia, não fazia sabão, eu carimbava o sabão. Era tipo uma pista, mas aquela pista era uma mola por baixo cheio de sabão eu tinha que estar lá na frente com o carimbo pra carimbar cada barrinha, porque elas vinham um monte juntas, eu tinha que tam tam tam, sabe? Trabalhei quase um ano, sentada na cadeira, carimbando. Aí troquei, eu tava ali e botaram na

catação de arroz,era uma correria bem grande de madeira ao redor assim, e longe e o arroz descia assim,e era mulher por um lado e por outro,forrado de um monte de saco de estopa por baixo,cada um com uma colher,tirando aquela esculha.Por exemplo,nós 3 aqui,outros 3 ali,aquele que eu não pegasse o outro já pegava,então era cheio de mulher de um lado e do outro mocinha...trabalhei 6 meses,depois de 6 meses eu saí e fiquei trabalhando em um armazém,varrendo,limpando,armazém de tudo.Ele botava aquelas pessoas pra varrerem,limpar(Josefa,Araguaína,2017)

Por meio do relato da ex-funcionária é possível compreender que na fábrica o funcionário desempenhava diversas funções, dependia da necessidade da produção, podendo trabalhar durante um período na refinaria e logo em seguida ir para a estampari. Não tinha uma função determinada e nem recebia salário diferenciado de acordo com as funções. Muitos recebiam o salário mínimo da época. Já os funcionários com alguma qualificação recebiam um salário diferenciado dos demais.

Outro mecanismo importante no processo de formação disciplinar é a própria organização do setor produtivo. Como foi referido no depoimento de Josefa. O espaço fábril era dividido em quatro setores: a fabricação, as oficinas, o transporte e o setor de serviços gerais, onde a grande maioria era composta de mulheres. Dentro dos setores havia as subdivisões que eram as seções, conforme uma organização capitalista. A seção era formada por máquinas racionalmente dispostas, seguindo a lógica do processo produtivo. A disposição das máquinas pelas seções seguia uma sequência de operações que definia as funções de cada operário, como consta nos depoimentos. Assim, a produção da disciplina passa a ser inerente à distribuição espacial das máquinas e ao desempenho funcional dos operários. O andamento da produção obriga a presença ininterrupta, a atenção contínua e o trabalho constante do operário, como ressaltou Josefa. Portanto, a sua permanência na seção e na sua função passa a ser um requisito necessário à organização da produção fabril.

Como já refletiu Foucault (1977), a disciplina molda, fabrica os corpos. Nesse sentido, a execução e a repetição de tarefas simples, como carimbar o sabão durante horas, semana após semana, mês após mês, sem interrupção, terminaram por moldar gestos, automatizar posturas e procedimentos. Em longo prazo, o trabalho fabril influi no desenvolvimento de determinados

membros (mãos, braços, dedos) para executar com precisão cada tarefa. Aos poucos, há um ajustamento entre o corpo e a função, determinando a melhor maneira de realizar a tarefa.

Os operários com qualificação estavam divididos pelos setores de fabricação, transporte e oficinas. Os sem qualificação estavam presentes em todos os setores, sendo ocupados conforme a necessidade da produção e o desempenho profissional. Eles eram serventes e auxiliares, dando suporte em quase todas as áreas da produção. Já os motoristas, operadores de máquinas e mecânicos ocupavam um espaço estratégico e privilegiado dentro da empresa pela necessidade constante de seus serviços e especialmente pela ausência de mais trabalhadores especializados na área. Eram remunerados de forma diferenciada dos demais.

Naquela época recebia um salário. Sempre um salário mínimo toda vida, cê sabe como o salario é né!

Naquela época o salário mínimo era cento cruzeiros, havia diferença no salário. Os profissionais ganhavam mais e quem trabalhava a noite também (João Mourão, Araguaína, 2017).

Havia hierarquia de funções e salários dentro da fábrica. Do ponto de vista da organização da produção, segmentava-se pelo grau de competência, que ia das tarefas mais simples às mais complexas. Havia ainda uma assimetria determinada por critérios de poder e prestígio, perceptível nas falas de João Mourão. Essas classificações implicavam na questão salarial e no fato de apenas os chefes morarem na vila, ou seja, definia-se a posição social de cada indivíduo. Outra hierarquia era constituída pela escala de salário, a mais segmentada possível. De qualquer forma, a existência do salário mínimo permitia a identificação dos operários e a comparação com os demais.

Os patrões da Cimba buscavam recompensar os funcionários pela jornada exaustiva e pela ausência na garantia dos direitos trabalhistas, com a garantia de emprego para os filhos, venda de mercadorias com preços menores do que no mercado local, além da concessão de moradia na Vila Cimba. Isto tudo para os funcionários da época era muito, pois a maioria

desconhecia seus direitos como trabalhadores.

Com o objetivo de exercer o domínio sobre os funcionários, os proprietários utilizaram estratégias capazes de inibir qualquer tipo de manifestação contrária dos empregados. Ofereciam certos "benefícios" que acreditavam serem bons. Por exemplo, a construção de armazéns que vendiam alimentos e produtos de limpeza e higiene, ao final do mês, eram descontados do salário do trabalhador. De certa forma, o dinheiro pago acabava voltando de outra forma para a empresa, através do comércio realizado dentro desta (SILVEIRA, 2009).

## CAPÍTULO II

### AS MEMÓRIAS DOS VELHOS: TRABALHO NA FÁBRICA E TRABALHO DE REMEMORAÇÃO

#### 2.1 Trabalhar e Narrar

Os irmãos “Boa Sorte” detinham grandes propriedades de terra, tanto dentro da cidade como nos arredores. Além da fábrica eles também criavam gado e beneficiavam madeira proveniente da Amazônia. Na visão dos depoentes, a fábrica Cimba contribuiu bastante para a economia e o desenvolvimento da cidade, uma vez que, além de oferecer empregos, produzia para a comercialização interna e para a venda em outras cidades.

Os produtos da fábrica Cimba abasteciam os mercados regionais, tanto da região Norte como também do Centro-Oeste do país. A indústria Cimba era considerada uma indústria de caráter rural, pelo beneficiamento do arroz, industrialização do coco babaçu e ainda a extração de madeira. A fábrica chamava a atenção pela organização de sua planta, pelos maquinários modernos, e especialmente pelo número de trabalhadores. Durante o seu funcionamento estima-se que empregava cerca de 500 funcionários. Segundo relato de Guilhermino, um ex-funcionário, a fábrica empregava muita gente.

Na época que trabalhei eram seiscentos trabalhadores. De quinhentos a seiscentos era essa base. E lá no campo trabalhando também. Não me lembro bem sei que era muita gente. (Guilhermino, Araguaína, 2017)

João Mourão disse que as pessoas com profissão definida atuavam somente na sua área. Ele, por exemplo, trabalhava como marceneiro e recorda que:

A madeira era vendida para a exportação pra fora, como era produzida, ela produzia moveis pra vender aqui dentro da cidade de Araguaína. Ela fazia portas e portais pra vender estocados, pra exportação pra fora. Noize fazia cruzeta, aquelas cruzeta que bota num porte de luz, noize fazia expostação pra fora, naquela época pra Goiânia, fazia estoque pra vender pra exportação (João Mourão, Araguaína, 2017).

Quando os funcionários recordam o tempo em que trabalhavam na fábrica, primeiramente lembram-se das funções e do ritmo de cada máquina manejada durante a rotina de trabalho. Além disso, recordam também de como foram tratados, ou seja, se foram valorizados e reconhecidos durante aqueles anos de trabalho. Aldomiro relembraque:

Os trabalhadores que tinham alguma profissão já formada, recebiam a mais que os empregados sem experiencia, sabe né! nois trabaiva o dia todo,só parava para almoçar,nois com experiêcia era bem visto na fábrica,faziam de tudo para que nois não saisse,pois naquele tempo sabe,nem tinha muita gente que sabia mecher com trator,serradeira,esses trem que tinha lá na fábrica,por isso muitos vinham de lá de bem longe de outras cidades (Aldomiro, Araguaína, 2017).

Sobre os acidentes de trabalho no cotidiano da fábrica Cimba recortamos várias passagens dos depoimentos:

Eu me lembro de um [acidente] deixa eu ver,da Lissete [operária],cortou o dedo na máquina fazendo as tampinhas pra colocar na máquina de óleo,tem uma máquinhapegava os retalho e botava ali e colocava aquelas tampinhas.Ela era tampada no meio,aí ela tirava,eu sei que foi tirar,tirou as tampas...porque assim,você sentava e batia o pé,quando ela bateu o pé a máquina desceu e tirou as tampa,tirava duas ou três peças de retalho de flande e tirava,aí a máquina bateu,tirou e suspendeu,ela tirava assim com o dedo,quando ela botou o dedo,não sei se ela apertou a máquina,veio de novo,aí tirou um pedaço do dedo dela.Ficou sem o dedo.E a outra foi na serraria que o cavacodaqueles pau que a gente arrumava pra fazer porta,que tinha umas madeiras que tinham uns nó no meio,quando chegava na lâmina ou ela torava ou ela vinha pra frente,matou um rapaz,porque veio assim...tam...no rapaz.Foi um só, ele morreu na hora.E outra menina que caiu um pedaço [madeira] no olho dela e furou. Ela foi embora para Goiânia na época,não sei se ela já morreu. Esses três eu vi.Comigo eu só não fiquei sem minhas mãos porque Deus

não deixou,mas a madeira baixou e minhas mãos foi assim junto,não tinha como eu puxar,e a sorte é que tinha umas das madeiras que tinha nó e ribou e folgou eu puxei a mão,mas pelo isso aqui óh,que as máquinas eram deste tamanho assim óh,e quando findava assim você não via elas. Elas imendavam uma nas outras e iam. Era só a conta de cortar as pessoas.Eu só lembro desses ai quando eu trabalhava (Josefa, Araguaína, 2017).

Na serra, né, ai na circular né? A circular nãoa desempenadeira, ai a tauba pra fazer forro, esse forro aqui oh, ai quando tinha um nó no meio da tauba, ai eu digo essa tauba, vai e eu passo assim empurrando a mão, digo assim essa tauba vai torar bem aqui ai eu empurrei com o dedo. Ai tã quando chegou bem no meio do nó a tabua voou um pedaço pra lá,e um pedaço pro outro e o dedo pá em cima.Teve um acidente fatal com um homem que veio pro açougue la de Goiânia,ai tinha um açougue aqui,nego banhava [corrêgo] e morreu afogado.Ainda teve um homem que morreu no incêndiouma coisa estourou,que lá tinha muita dinamite,que eles mexiam lá naquela quebração de pedra,ai eles tinham uma casinha lá e tava cheio de dinamite,a i pegou lá [fogo] e estourou,morreu o cara.[Antônio, Araguaína, 2017]

Um acidente de um cara amigo meu que ele caiu que ele acidentou-se.Ai ele caiu dentro da peneira dá usina de óleo. Ai ele ficou na hora do almoço tirando folga lá. Nam vou almoçar dispus eu vortu ai.Despejou uma saca de coco quando ele despejou o saco de coco caiu na pineira,que o coco era penerado que era pra tirar separar pra ir pro muedor.Ai ele caiu dentro da pineira,ai ele ficou diretamente na pineira sem puder a levantar.Quando o pessoal chegava ele tava dentro da pineira, ele não faleceu mais ficou muito doente e depois de três anos ele não conseguiu mais trabalhar até que faleceu(João Mourão,Araguaína,2017)

Lembro-me de um acidente fatal que teve lá na Cimba, o homem tava trabaiano na serralhadeira, cortava madeira que vinham lá das florestas que antes aqui tinham, ou das fazendas dos patrões um dia ele tava trabaiano e não sei como a serradeira que cortava a madeira voltou sobre ele e o partiu praticamente ao meio. O acidente foi bem falado na cidade,mais os patrões logo fizeram calar. Então abafou-se o acidente,vários acidentes tinham constantemente na fábrica,mais sabe né! Não podia falar não,porque aqueles que se revoltava com os patrões sumia,verdade,sumia e nunca mais aparecia. Muitos trabaiaadores principalmente lá da fazenda. Os peõslá sabia também que tinha acidente muito. Tinha um amigo que trabaiaava lána extração da madeira. Serviço perigoso,uns nem saibam manusear as máquinas e acabava morrendo. Mais tudo ficava bem escondido né, só aqui na fábrica via gente perder dedo, mão e até fica bem mais ferido... (Aldomiro, Araguaína, 2017.)

Pelos relatos, percebe-se que mesmo a fábrica sendo um avanço no sentido de modernidade dentro da cidade, esta deixava muito a desejar

quanto à qualificação de seus trabalhadores e na prevenção de acidentes. A falta de treinamento e a exigência pela rapidez no serviço é um dos fatores que contribuíram para diversos casos de acidentes na fábrica, além de não existir um horário destinado para o almoço. A fábrica oferecia a refeição como forma de aumentar a diária de trabalho.

Por outro lado, muitos dos trabalhadores eram gratos por terem tido a oportunidade de trabalhar na Cimba, pois foi naquele ambiente fabril que aprenderam uma profissão, ou seja, aprenderem a lidar com o tempo da fábrica, a manusear a máquina, a ter responsabilidade no serviço. Aprenderam no dia-a-dia, com a convivência entre os colegas, a importância do trabalho em equipe.

Quando eu cheguei aqui, não tinha profissão, mexia como macinerufazia pouca coisa, por aventura e necessidade, mais não sabia não trabaia em outra coisa, quando vim do Pará pra Araguaína que entrei na Cimba aprendi a mexer com várias máquina trabaia na serraria, trabaia como marceneiro profissional, era reconhecido na fábrica, tinha valor o meu trabaio, depois de um tempo aprendi a ser predeiro aqui mesmo na fábrica. Comecei como ajudante depois fui ser pedreiro mesmo, depois me mudaram pra mestre de obra, e faziam muitas obras aqui em Araguaína (...), aonde os patrões madavam eu ia trabaia, assim até me aposentar eu trabalhei de mestre de obra e sustentei minha família. E foi ali na Cimba que adquerei esta profissão. (João Mourão, Araguaína, 2017)

Embora o trabalho na fábrica fosse cansativo, com a introdução desta na cidade, houve oportunidade de emprego para os trabalhadores locais e para migrantes que vinham de diversas regiões do Brasil. Com o desenvolvimento de várias atividades as pessoas tiveram a chance de adquirir uma profissão e de exercê-la. Para os trabalhadores a fábrica se tornou uma “escola” na qual adquiriam novos conhecimentos.

Outro ponto importante a ser mencionado é que os trabalhadores deviam ter documentos pessoais para serem empregados na Cimba. Muitos que chegavam a Araguaína e até mesmo os próprios moradores não sabem ler e muito menos escrever. Geralmente, o que sabiam era contar, e para serem “fichados” na Cimba era necessário possuir documentos pessoais e aprender a ler e escrever, porque algumas

instruções sobre os maquinários a serem manuseados ficavam escritas e necessitavam de um mínimo de conhecimento quanto à leitura.

## 2.2 A Vila CIMBA

A fábrica Cimba tinha um grande número de funcionários. Pensando na necessidade de controle sobre os trabalhadores e principalmente para estreitar as relações entre empregador e empregado, os proprietários construíram uma vila operária que chamaram de vila Cimba. A vila estava inserida no contexto de produção da fábrica. Nela moravam apenas os chefes:

A vila Cimba rapaz era dos patrões nossos. Eles construíram as casinhas para seu trabalhador de confiança. Lá eles moravam sem pagar aluguel eles e suas famílias. Era gente de grande escalão/gerentes. Não eram peões, assim como eu não, que era só empregado comum não. (Ernane, Araguaína, 2017).

As casas da Vila Cimba foram construídas em alvenaria, bem estruturadas, com água e energia elétrica. Ficavam próximas ao centro urbano. Elas eram destinadas aos operários do alto escalão, ou seja, aos funcionários que tinham a confiança dos patrões exercendo funções e cargos importantes na produção.

Para muitos o surgimento desta vila trouxe para os trabalhadores a realização de um sonho, uma moradia, mas se levarmos em consideração as estratégias de extração de mais trabalho e responsabilidade dos chefes em tempo integral, os patrões buscavam formas de ampliar a produção e garantir a lealdade, com grande controle da vida dos funcionários. Os mesmos eram respeitados pelos demais, pois todos tinham conhecimento que somente os privilegiados poderiam morar na vila, aqueles que eram merecedores da confiança dos irmãos “Boa Sorte”.

Não por acaso, a existência da vila Cimba, local onde parte dos trabalhadores morava, cria uma separação entre os operários com cargo de gerência e o trabalhador menos qualificado. Este morava fora da vila.

Na visão dos depoentes, seus patrões eram ricos. Os donos da fábrica tinham diversas propriedades na cidade e nas circunvizinhanças. Segundo informações dos ex-operários, pertenciam a eles diversos lotes e casas no setor Cimba, Vila Góias e uma grande parte do setor Araguaína Sul. Conforme Ernane, todos os setores acima pertenciam a eles e alguns foram doados para a Prefeitura Municipal de Araguaína, como uma forma de negociação de dívidas dos “Boa Sorte”

Olha tudo isso aqui eradeles. Sabe quanto tem nessa terra aí? São vinte e seis alqueiro na época né. Eu vi o Arno Leal (gerente da fábrica) falou pra mim, bem aqui nessa casa aqui, e virou isso aí e tombou tudo isso aí, e era vinte e seis alqueiro na época até chegar na vila Araguaia, tudo era deles aí, aquele espaço onde fica o Colégio Alfredo Nasser foi dele, e o Benedito doou pra construção do Colégio. O terreno da Universidade Federal do Tocantins também é deles, dizem que ele doou pra universidade, o terreno onde fica o Instituto Federal do Tocantins, IFTO também é dele. Moço aqui em Araguaína eles tem propriedade demais quase toda Araguaína ainda pertence a eles. (Ernane, Araguaína, 2017).

Os irmãos “Boa Sorte” tinham grande poder na cidade e dominavam a grilagem de terras. Vários foram os camponeses desabrigados. Por isto, até os dias atuais os descendentes destes ainda possuem grande influência e propriedades na cidade. Com a falência da fábrica ocorrida após o assassinato de Ademar Vicente Ferreira, os funcionários foram “obrigados” a deixar as casas da vila. A maioria negociou com os donos e compraram as mesmas. Outros, que afirmavam ter já pago a casa para os patrões, entraram na justiça e com as provas de compra e venda, permaneceram na casa.

Embora anos tenham se passado, a fama e o renome pertencente à família “Boa Sorte” continua. Velhos operários guardam em suas memórias o fausto e o declínio da fábrica. Desse modo, a recordação dos velhos da Cimba se entrelaça com a História do presente e do passado do antigo Norte Goiano. Não podemos negar que a fábrica Cimba e os irmãos “Boa Sorte” contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade de Araguaína. Todavia, os relatos dos velhos sobre a fábrica Cimba são memórias permeadas por diferentes significados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos remete ao passado para conhecer um pouco da história da cidade, incluindo dentro da mesma a implantação e o desenvolvimento da primeira fábrica da região norte do estado. As memórias dos trabalhadores da fábrica Cimba que foram depoentes nesta pesquisa, permitiram que tivéssemos a oportunidade de relatar o sistema fabril e a relação entre proprietários e empregados. Além disso, possibilitou constatar que no período pesquisado não havia a garantia dos direitos dos trabalhadores. Quem estipulava as condições de trabalho eram os proprietários e maioria dos funcionários se submetia ao trabalho devido a necessidade de conseguir meios de sobrevivência. Certamente, nessas memórias há um entrelaçamento entre o presente do narrador e o passado vivenciado pelos entrevistados, permitindo que se faça uma análise sobre o funcionamento da fábrica, desde a contratação da mão-de-obra, passando pela produção e comercialização dos produtos.

De qualquer forma, por mais que “as ruínas” da fábrica pareçam ‘gritar’ para lembrar o que acontecia naquele ambiente, hoje são apenas ruínas. Os depoentes continuam silenciando sobre os aspectos negativos da relação dos proprietários com os empregados.

Certamente, a presença da fábrica Cimba na cidade de Araguaína contribuiu para o crescimento da cidade. Uma indústria possível pela abertura de frentes de trabalho, ou mesmo pelo incentivo à agricultura e à agropecuária. Os velhos da fábrica Cimba tiveram uma participação importante e significativa nesse processo de criação de uma massa de empregados disciplinados pelo trabalho fabril e no uso de novas tecnologias no antigo norte de Goiás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJARA, Cesar. O Estado do Tocantins: Reinterpretação de um estado de fronteira. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 53, nº 4, 1991.

ALBERTI, Verena. **História Oral na Alemanha: semelhanças e diferenças na constituição de um mesmo campo**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.

AUBERTIN, Catherine (Org.): **Fronteiras**. Brasília, editora UNB, 1988.

BOSI, Ecléa. **Mémoria e sociedade: Lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo. EDUSP, 1987. p 141.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

FÉLIX, Loiva Otero. História, Mémoria e Esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (org). **Usos de Memórias**. Passo Fundo, RS: UPF, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1997, p.1 - 200.

GIRALDIN, Odair (Org). **A (Trans) Formação Histórica do Tocantins**. Goiânia, UFG, 2002.

IBGE. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, censos demográficos: 1960, 70, 80, 91, 2000, 2007, 2010. Acesso: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

LE GOFF, Jacques. História. In: \_\_\_\_\_ **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_ **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

MACHADO, Luzia Cruz. **Minhas Lembranças**. Araguaína, Acalanto. 2006.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo, Hucitec, 1997.

MESQUITA, Benjamin Alvino. As Relações de Produção e o Extrativismo do Babaçu nos Estados do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins. **Economia do Babaçu: levantamento preliminar de dados**. In: Alfredo Wagner Berno de Almeida, Joaquim Shiraishi Neto e Benjamin Alvino Mesquita (organizadores). Economia do babaçu: Levantamento preliminar de dados.

São Luis, Editora MIQCB e Balaios Typhografia, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória.** In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Projeto História 15. São Paulo, 1997.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: Marieta M. Ferreira e Janaína Amado (Org.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 93-102.

SILVEIRA, Marcos César Borges. **Os herdeiros do Sisífo: Trabalho e Trabalhadores no norte do antigo Goiás (1960 - 1975).** Porto Alegre. 2009.p.228. Tese de Doutorado.

TEDESCO, João C. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo, RS: UPF, Caixias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

VALVERDE, Orlando e DIAS, Catarina Vergolino. **A rodovia Belém-Brasília: estudo de Geografia Regional.** Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.

# ANEXOS

**Figura 1:** Ruínas da Fábrica Cimba



Fábrica Cimba, localizada no setor Cimba, na cidade de Araguaína, foi uma das pioneiras na região, sendo responsável por empregar muitos trabalhadores advindos de outros estados, trazidos pela frente pioneira que se instalava na cidade.

**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2017.

**Figura 2:** Vista lateral da Fábrica Cimba



**Figura 3:** Maquinário responsável pelo processamento do óleo.



**Figura 4:** Vista frontal do processador de óleo.



**Figura 5:** Local onde funcionários ficavam aguardando a sirene tocar para adentrar a fábrica



Embaixo desta árvore e de diversas outras localizadas nas proximidades da fábrica, os operários aguardavam o horário de iniciar o trabalho. Ali se reuniam homens, mulheres, velhos e até mesmo crianças. Era um momento de grande euforia, pois aos poucos todos passavam a se conhecer e formar novas amizades.

**Fonte:** Arquivo pessoal.

**Entrevista com dona Neusa e o senhor Ernane.**

P- Bom, dona Neusa repetindo então, a senhora é de onde?

D.N- Eu sou do município do Alto Parnaíba do Maranhão.

P- E a senhora ta a quanto tempo aqui em Araguaína?

D.N- Quarenta e dois anos.

P- Vei de lá direto pra cá?

D.N- Bem assim pra Araguaína não, eu, eu vim estudar em Lisarda que é a última cidade que era no Goiás né, com Maranhão, aí de lá eu vim pra Tocantina ...eu estudava né, e de Tocantina eu fui pra Tocantinópolis

P- Tá, quando a senhora veio pra (dona Neusa o interrompe)

D.N- Ai de Tocantinópolis foi que eu vim pra cá em setenta e três setenta e quatro.

P- Tá, quando a senhora veio de lá a senhora tava com qual idade? Lá do Maranhão

D.N- Maranhão eu ia fazer vinte anos.

P- Qual foi o motivo da vinda?

M.D- Mutivo, foi pra estudar.

P- E como é que era a vida da senhora lá, até do vinte anos?

D.N- Era trabalhando na roça

P- Pois conte pra gente um pouco disso

D.N- conta, meu Deus do céu (professor Antunes a interrompe “ tudo que a senhora lembrar”) contar um pouco, (uma risada divertida) ai mas aí vocês num entende, trabalhar na roça ora, é quando o pessoal derruba que queima, a gente vai juntar os pau pra queimar, aí vai plantar, vai limpar, tirar o mato do cereais que seja arroz, milho ou feijão, e depois, aí gente vai colher ele cresce e a gente vai colher, aí no outro ano de novo a mesma coisa, colhe e come de novo a mesma coisa, vai beneficiar a terra só que agora eu não concordo porque agora eles não querem que queima, e os cereais nada de planta que é de arvore que é de tudo sem ter adicuada da ciza da madeira não presta, a gente queimava a roça, se fosse roça da primeira plantio, queima aquele tanto de pau que derruba e baixo, e então quando é já na segunda plantia o mato cresce pequeno aí põe pra roçar, aí toca fogo de novo, aí vai plantar

P- E esse trabalho com a roça lá era na propriedade de vocês, da família

D.N- Não, não, era não, é porque eu eu não tinha pai ne mãe, eu fui cabada de criar pora minha madrasta que o meu pai morreu, é a minha mãe já havia morrido eu era pequena, e aí os meus irmãos meus tios pegaram e eu não quis sair, porque tinha um casal de irmão menor pequenininho de ano e dois nos aí eu não quis sair, aí eu fiquei, mas era da propriedade da duma tia da minha madrasta

P-A senhora estudou até que ano?

D.N- Há hoje eu não sei o que que é, eu, eu fiz o, como é que chama? (Uma resposta de fundo inaudível) não, que hoje é...

P- Segundo grau

D.N- É, e só não foi completo porque lá em Tocantinópolis a gente tinha que fazer uns relatórios pra poder completar, na época a gente fazia era o curso normal em dez meses, aí tinha que ter um relatório e pra mim era uma dificuldade porque a capital era em Goiânia então pra gente ir lá misericórdia, e foi uma dificuldade, e eu terminei não terminando é com o relatório, relatório era muito grande, muito dependioso, aí eu trabalhei, fui trabalhar e larguei, aí ficou assim com ele incompleto, porque só completava com esse relatório (barbara interrompe “ a senhora não quer sentar nessa aqui? Senta essa é melhor”) não eu sento bem aqui.

P-É depois que a senhora saio do Maranhão, nessas outras cidades, a senhora trabalhava com que, ou só estudava?

D.N- Eu só estudava, eu trabalhava assim por exemplo, em uma casa eu passa ferro ni roupa, eu ajudava, lá em Tocantina, eu ajudava a velinha que eu tava na casa lavar roupa, que ela lavava assim como se diz pra ganhar, mas eu costurava, fazia uniforme pra alunos da mesma escola que eu estudava e assim eu levava a vida, agora em Tocantinópolis não, lá em Tocantinópolis não tinha porque lá era integral, aí a gente não tinha e não tinha mesmo porque era interno

P- É e ai quando a senhora veio pra Araguaína se instalou aonde? O bairro, o lugar, como a senhora veio morar

D.N- Eu vim é que já tinha o pretendente, aí fiquei na casa duma amiga minha, bem ali na dois de julho, aí eu casei e morei dois meses no entroncamento, daí de dois mese eu vim pra cá, e até hoje

P- Pra essa casa?

D.N- Uhum

P- Aí que legal, é e quando é que o marido da senhora começou a trabalhar na fábrica?

D.N-A que condi eu conheci ele já trabalhava

P- A tá, que é esse que a senhora logo casou quando chegou?

D.N- Foi

P- Que é ele né?

D.N- Aham, eu cheguei dia vinte de dezembro e casei dia treze de fevereiro

P- Quais as lembranças que a senhora e ele tem da fábrica, a fábrica em relação a cidade?

D.N- Aí ele é quem pode, as lembrança, eu acho que deve ser porque era a única fábrica que tinha por aqui no nessa época do goiás, porque aqui sabe era uma região esquicida néra, assim porque o estado muito grande aí ficava uma região isolada da capital, aí como tinha essa indústria aí, porque mexia com madeira, é extração de óleo de coco e fabrica de sabão (seu Ernane interrompe “arroz também”) é eles mexiam assim, aí pra que era como se diz era um pedacinho do céu pro pessoal que trabalhava né, porque a num trabalhar assim o serviço era um serviço braçal, aí o povo eles tem essa recordação dessa firma, firma indústria que era tudo né, é porque era onde o pessoal se refugiavam pra é ganhar o dinheirinho pra viver melhor.

P- É o senhor trabalhava com o que na fábrica?

D.E- Eu entrei aqui de ajudante

P- É?

D.E- É, na época da, aí eu fui classificado como carpinteiro (dona Neusa o interrompe “ não, mas aqui na cimba, não você foi coisado no frimar ”) aqui eu era ajudante cacheiro

P- Quanto tempo o senhor trabalhou aqui?

D.E-A eu trabalhei aqui, eu cheguei aqui em sessenta e nove (dona Neusa o interrompe novamente, “ mas só aí dentro da cimba que ele quer saber”) na cimba eu trabalhei dois anos só

P- Na cimba foi dois anos

D.E- dois anos, aí eu fui pra, fui transferido pra outra firma a frimar, pro frimar eu trabalhei quatro anos e meio (dona Neusa fala ao fundo “ fecha aqui, vem o sol”)

P- O frimar era do mesmo dono né?

D.N- Do irmão do dono

D.E- Do irmão do dono, do Benedito Boa Sorte

P- D a mesma família né

D.N- Era porque isso aqui era do Ademar e o outro era o Benedito, é que no tempo que o Ademar morreu aí o Benedito tomou de conta

D.E- Mas eu cheguei aqui mesmo Araguaína em sessenta e nove, quatro de junho de sessenta e nove (professor Antunes fala por cima “tá com a memória boa”) tem muito tempo num tem? (Barbara responde “ tem”) cê nem sonhava em nascer minha fia, ninguém, nem o senhor também, era novo (dona Neusa o interrompe “ quando nós chegamo do entroncamento você ainda trabalhou uns dias aí, é com negócio com madeira, na na cerraria”)

P- O senhor lembra mais ou menos quantas pessoas trabalhavam?

D.E- Ah, meu senhor, aí tinha gente de muita, aí tinha umas quatrocentos pessoas a mais, porque aí era muito grande, muita coisa aí dentro

P- Só aqui dentro?

D.E- Só aqui dentro

P- Porque ainda tinha o pessoal que trabalhava fora né, puxando tora

D.E- É, puxando tora também, tinha muita gente aí

D.N- Parece que era muita gente, eu não vi mais porque quando eu cheguei já tava menos, já tinha acabado a fábrica de sabão, o extrativismo de óleo, só já mexiam com madeira

D.E- Aí tinha tudo até exportação de madeira na época né

D.N- Tinha óleo, tinha óleo a gente comprava óleo aquele óleo levinha era daí, e o sabão, um sabão de barra, um sabão desse tamanho assim (fez um gesto com a mão como se tivesse medindo) sabão de coco, mas quando eu cheguei aqui só já tinha as coisa mas não fabricava mais não, porque tinha em grande estoque

P- O senhor lembra se tinha muito acidente na fabrica?

D.E- É realmente tinha um pouco, mas não era tão demais não né mas dava, uma indústria dessa aí deixa num ter um acidente né, você tem

P- O senhor lembra de ter algum acidente fatal, que morreu alguém?

D.E- Não não, não aí dentro não, não lembro, pra mim foi, num vi

P- E aqui dentro trabalhavam homens e mulheres?

D.E- Homens e mulher, muitas mulher tombem, e as mulher vinham pra refinaria de óleo, algodão, de tecer algodão, ai tinha muita mulher trabalhando

P- É, o senhor é de onde?

D.E-Eu sou de Oeiras do Piauí

P- Piauí?

D.E- É

P- E vei pra cá com quantos anos, pra Araguaína?

D.N- Vinte e dois

D.E- Vinte e dois anos

P. Vocês vieram quase juntos foi?

D.E- Foi, eu vim em sessenta e nove e ela chegou em

D.N- Setenta... eu eu vim pra cá, eu vim em setenta e três pra Tocantinópolis, eu vim pra cá no finalzinho de setenta e três

P- E lá o senhor.... Como era a vida do senhor lá?

D.E- Fazenda, na roça

P- Também

D.E- Também, aquele tempo era sofrido (Dona Neusa o interrompe “ na roça como se diz, é quase a mesma coisa”) é

P- É....e o que que trouxe o senhor pra cá, o que que fez o senhor sair lá de Piauí?

D.E- Ah eu te digo agora, o que trouxe eu pra cá é o seguinte meu amigo, o Piauí é cansado, fraco, não e não tinha isso, não tinha profissão, só vivia da roça, eu queria prender uma profissão, sair do lugar, dum lugar fraco (dona Neusa “ ganhar um pouco né”) ganhar um dinheiro melhor sabe, aí eu curri, eu trabalhei na Barra da Boa esperança sessenta e seis a sessenta e nove, cê ouviu falar na Barra da Boa esperança né (professor Antunes “aham”) eu trabaiei lá, e lá era vida romarca, cheguei lá e tinha um caminhão pegando gente, aí sai do hotel, fiquei no hotel, tinha saído da firma, naquele tempo fiquei sem ver o decimo terceiro né, agora chama o FGTS na época né, até eu saia o dono do hotel, “mas seu Ernane o senhor vai embora rapaz, vai esperar seu decimo terceiro?”, não, eu vou embora, aparecia um caminhão pegando gente, “ quem quer conhecer o Goiás”, na época pegava gente lá né, aí eu digo, eu vou conhecer esse Goiás, a dona do hotel ainda falou pra mim “ seu Ernane vai

embora pra casa de seus pais” não, eu vou conhecer o Goiás minha dona, eu não vou pra casa agora não, aí eu vim conhecer isso aqui

P- Esse caminhão, já vinha com o serviço arrumado, como e que era isso?

D.E- Ah vinha, esse caminhão, sabe onde eu fui pegar esse caminhão? Eu vim pra Capimba, no Doutor Olímpia, aqui na beira do anta

D.N- Não, esse caminhão acho que ele não pegava assim já com destino a um serviço não, era o caminhão vinha pra cá, e ele aproveitavam e vinham, não quer dizer que ele vinha assim, era a indústria da cimba que pegava gente não, eles vinham sem o compromisso com ninguém, simplesmente vindo

D.E- Caçar um mei de vida né, porque lá era fraco né, caçar um meizim pra ganhar dinheiro

P- Não, mas era pra trabalhar em fazenda, alguma coisa?

D.E- Era trabalho na fazenda, um trabalho com motosserra

D.N- O que encontrasse na frente

D.E- É

P- É... e queria que o senhor fizesse uma comparação aí, entre essa vida que o senhor tinha lá, vocês dois na verdade, a vida que vocês tinham lá nas cidades de origem, com a depois aqui em Araguaína, quais foram as mudanças, como é que cês sentiram isso?

D.E- Rapaz, é o seguinte, pra mim mudou muita coisa, graças a Deus, quando eu consegui aquilo tudo que eu queria, aqui pra mim foi muito bom, aprendi profissão aqui com esses homem Boa Sorte, agora eu vou falar pra ti, o povo falava assim que tem a fama de ruim esse povo aí, mas pra mim foi bom, pra mim ele foi um grande patrão, tratou bem, eu aprendi eu e meu irmão, meus irmão, aprendemo aí dentro com a Boa Sorte, profissão né

P- E os irmãos do senhor trabalhou aí também?

D.E- Trabalhou aqui tombem

P- Tinha muito parente trabalhando entre os trabalhadores?

D.E- Não, só tinha eu e meus irmão só, um tá em Belém o outro em Dom Eliseu, aprendemo aqui dentro

D.N- O Eleseu trabalhou aí?

D.E- Trabaiou, o Eleseu era marceneiro aí (dona Neusa o interrompe “então só trabalhou vocês dois de irmãos aí, porque o Julho não trabalhou, o Toin

tambem não trabalhou aí “) o toin trabaizou aí... (“não o toin trabalhou na frimar, já era outro”)

P- E, mas vocês têm saudades de alguma coisa daquela época lá do lugar de origem?

D.E- Tem, eu lembro, tão bom rapaz recordar os passados né, de onde nasceu, é que eu tô aqui mais esse irmão meu aqui (que estava ao seu lado) nós fala naquele povo velho, nós fomo criado naquela região lá de Oeiras, correndo atrás de gado, vaqueiro né, lembrando daquele vaqueiro véi que nós andava junto, tão bom

D.N- As coisas de vive coisas diferente, mas aquela vida lá é uma vida sofrida, porque é de caminhar pra roça, de trabalhar no sol quente mas a gente comparando com a vida de hoje, que a gente leva, a gente tem saudade, uma, saudade do sossego, outra, saudade dos alimentos puro que a gente tinha, que a gente podia comer de tudo e morria velho baba, nera? Desculpando o vocabulário (Barbara “imagina” e um sorrisinho) era velho, minha bisavó mesmo morreu com centi e poucos anos, era uma velha dura, então a gente tem essa saudade, lembra assim, aqui por exemplo a vida daqui hoje é mais fácil, a gente não vai pro pilão pilar arroz, a gente não vai pegar uma lata e ir lá no corgo pegar água, hoje a gente joga uma roupa numa máquina ela dá quase inxuta né, mas a vida é corrida e lá na roça não, a gente trabalha na roça e o dia que você cisma, “hoje eu não vou na roça”, ninguém lhe diz nada né, e também não lhe atrasa nada, “hoje eu não tô com vontade de ir a roça não, n vou” e pronto, e no serviço daqui, aqui quando eu trabalhava mesmo, seu tô sadia, tô boa, se eu disser “ah hoje eu não vou pro serviço”, o que que acontece? Vai chamada atenção, vai cortada um sinhô de ponto, e vai descontar do seu salário. Lá na roça a gente produzia e colhia e comia do mesmo jeito no dia que cê cismava, então aquilo é pra gente ter uma saudade num é? Daquela vida com mais liberdade, e outra a vida, o que eu tenho muita saudade é da vida, olha eu tenho saudade, aquela agua que não tinha cloro, aquele feijão cozinhado na lenha sem um gás no fundo da panela, tudo é motivo de a gente viver sadio lá, e aqui nós comemos tudo, o cloro na agua ele é um veneno, porque que as pessoas hoje é tudo morrendo é tudo doente? E lá na roça não, na roça a gente tomava água, uma aginha purinha, era filtrada? Era nada, filtrada só no pano na boca do pote, cuava e ali meu Deus do céu no

outro dia tava geladinha, aí fazia um frio terrível, aí a gente compara a vida de hoje com a vida do passado lá, tem muitas coisas que a gente tem saudade, e é com razão, já hoje já a vida na roça já tá diferente do tempo que eu saí de lá, hoje a gente num tomava água gelada vindo da geladeira pra dar um negócio diferente lá dentro, porque a gente é quente e engole uma água super gelada, quem era que tinha? Ninguém, então, a vida era melhor pra saúde da gente, o povo hoje tem um negócio, é comer isso, é comer aquilo, a gente lá naquele tempo, a gente tinha mais saúde porque comia tudo puro, e comia de tudo, num é hoje que você num pode comer uma gordurinha, você não pode comer um nada que é tudo é pra o mal, e lá ninguém na época que eu morei no sertão a gente comia de tudo, comia com tocinho de porco, quem é que conhecia óleo de soja? Se falasse pensava que era alguma frutinha, era o tacinho e era todo mundo sadio, aí a grande diferença né

P- É havia um... algumas coisas que eu pergunto porque outros trabalhadores me informaram, havia um armazém da própria indústria, onde?

D.E- Isso, fornecia alimento aí, tinha

P- E os trabalhadores compravam lá

D.E- É tinha o arroz, tinha o óleo, tinha o sabão, toda quarta-feira quem quisesse fazer um are fornecia aí, pegava lá no armazém

P- E compensava comprar lá ao invés de comprar em outro lugar?

D.E- Compensava, era bom (dona Neusa o interrompe “era mais barato e até porque na época mesmo não tinha supermercado como tinha hoje, era vendinha, eu mesmo quando cheguei aqui, não sabia, nem aquele mercadão não tinha, não tinha não, era aquelas vendinha, o povo vendia fazia aqueles butequinho de cereais, e a gente comprava, e esse que compram assim, que vendem assim eles vendem bem mais caro, eu acho que eles lucravam muito em comprar da própria firma”) era e fornecia pra gente, pro trabalhadores

P- E tinham as casas também né, eu acho que aqui onde é essa avenida

D.N- Tinha, dos trabalhadores

D.E- Oia, isso aqui tudo era chei de casa, isso aqui era só casa aqui, casa lá em baixo, tudo era casa, funcionário da firma (seu Ernane estava apontando para a direção do parque cimba)

P- O senhor lembra mais ou menos quantas casas eram da firma?

D.E- Ixe rapaz eu nem lembro, tu lembra?

D.N- Uma, duas, três, quatro, cinco, seis... o meu Deus, sete, oito, novembro

D.E- Umas quinze casa, era umas quinze?

D.N- Era mais ou menos

D.E- Quinze casa, umas quinze aqui

P- Só sobrou aquela do lado do córrego lá né

D.N- É, porque um pessoal vieram prali aí moraram muito tempo, e até foi o pai do moço que ta morando lá que trabalhou com o velho Benedito, lá no frimar, aí eles não tendo finança entraram na justiça e ganharam o direito de morar como dono

P- Ah, o senhor lembra quando... vocês dois lembram quando a fábrica fechou?

D.E- Rapaz pera lá, setenta funcionava, oitenta

D.N- Não, porque eu cheguei aqui em setenta e quatro funcionava só madeira

D.E- Só?

D.N- Só, as outras já tinham fechado (seu Ernane a interrompe “ ah setenta e quatro, setenta e quatro, setenta e cinco”) aí pra terminar, eu ainda escutei muito aquela a sirene cedinho pro pessoal entrar (seu Ernane a interrompe outra vez “ é a da caldeira pros funcionário entrar”) e a tardinha pra sair, dava um grito que parecia, você pensava “não, é um trem de ferro”

D.E- Ah, mas isso era bom, que vinha gente de lá, a fila ia muito grande, fila de mulher e fila de homem (dona Neusa “escutava, você ta aqui e pra lá do JK escutava”) e ia chegando, chegando pra bater o cartão, sabe, era bom demais rapaz

D.N- Eu acho que ela terminou, aqui ela fechou por completo... acho que de setenta e cinco pra setenta e seis

D.E- Ela desativou mais a cerraria porque a madeira foi ficando longe né, aí foi ficando difícil difícil né, aí desativaram

D.N- Eu acho que fechou aqui em setenta e cinco

D.E- Foi em setenta e cinco, foi em setenta e cinco mesmo

D.N- Foi, porque em setenta e seis você já trabalhava no frimar, você saiu daqui e foi (seu Ernane “ aí daí fui pro frimar”) é

P- E cês lembram se com o fechamento da fábrica teve um impacto grande na cidade?

D.N- Não porque aí já tinha outros né, o povo já poco, já tocavam a séba, já tocavam o frimar, aí ia aparecendo já, já tinha outros meios, não era muito não mas, até então é porque foi terminando aos pouco, porque a fábrica de sabão terminou, o extrativismo do óleo já tinha terminado, quer dizer, eles foram acabando gradativo né, que quando terminou tudo já foi só a madeira, já tinha pouca gente

P- Essa coisa do óleo, da fabrica de óleo, onde eles, é, buscavam matéria prima, o coco mesmo pra extrair o óleo?

D.N- Era aqui mesmo

B- No Bico do Papagaio?

D.E- É, aqui no papagaio tinha muito

D.N- É aqui mesmo, o povo quebrava muito, aqui em Babaçulândia, aquele mundo acolá, o povo quebra muito coco

B- A madeira também vinha de lá?

D.E- A madeira vinha daqui filha, aqui tinha um, a madeira vinha de Araguatins, aqui brejão aqui, Ananais, São João Reis, Muricilândia, Cocalândia, Garimpo do Caracol, tudo puxando madeira daí, Divino pião, eu tô contando por que... (Barbara "aham") Divino pião, saiu daqui, nós tinha até da trans amazônica puxando madeira, Araguatins, São Sebastião do Tocantins, é, Santa Luzia, Atoleiro, Brejo Grande, Palestina, Taipava, lá em Taipava era o seguinte, as tora nós cortava, elas caia e nós pegava dendágua, e fazia aquelas jangada sabe? Aí nós descia em Tocantinópolis, a gente na jangada, aí o caminhão vinha e pegava e vinha pra cá

P- Isso pelo rio?

D.E- No rio, descia no rio, no Araguaia, desaguava naquelas água, aí nós... (Bárbara "o senhor ajudava também a tirar as madeiras?") ajudava, eu trabalhava com motosserra na época né, partando madeira. Essa firma tinha uma maquina que cortava o pau no pé, na ponta ela rebentava toda, amarrava toda que deixava espadada, agora cortava e os caminhãozin pegava e espanava e as carreta pegava, ia pro rio e fazia jangada

B- E nesse processo de tirar madeira tinha muito acidente também ou não?

D.E- Tinha, eu sofri um acidente e posso dizer que ainda tô vivo por graça de Deus, eu fui cortar uma arvore e essa peça, a peça desceu na curritura aqui do pé ó, torou a perna da calça até o chão aqui ó, eu fui carregado ate onde o jeep

tava pra ir pro hospital, aí a firma me trouxe pro hospital, uma firma boa, pra mim eu não tenho o que dizer, quando nós chegava a primeira coisa que ela fazia era aeroporto, campo de avião e radio de comunicação, é aqueles rádios né de comunicação, pra comunicar com Araguaína, aí eu acidentei e os meninos ligaram pra cá, aí foram me buscar e me internaram aqui, hospital Dr. Tulio, o doutor Tulio é filho do Benedito Boa Sorte viu, eu me internei aí, passei uns oito dias internado, quase que eu morro, mas eu tenho lembrança disso aí

P- O pagamento era semanal, quinzenal, mensal?

D.E- Todo sábado tinha pagamento

P- Todo sábado

D.E- Todo sábado, bom pra pagar, ele não era ruim pra pagar, agora eu vou ti dizer pra vocês, aqui pra nós, mas o povo dizia, não sei de quem era a fama disso aqui, alguém tem a fama disso aí, que eles era matador de gente, mas pra mim não (dona Neusa “ isso aí deixa pra lá”) isso aí deixa pra lá, nunca vi, o tanto tempo que eu trabalhei com esse povo

P- Mas já ouvimos essas histórias, assim na cidade né (seu Ernane “na cidade é, imagino”) mas as pessoas que nós entrevistamos, todas dizem “não, as pessoas falam mas eu não vi”

D.E- Eu não vi, eu não vi, nunca vi não.

D.N- Aquilo que a gente viu, bem assim, a real certeza né, pode dizer... (seu Ernane a interrompe “e outa coisa ele era homem que se chegar, eu acabei de falar pra meu irmão aqui, minha mãe adoeceu e eu precisei de um dinheiro aí eu falei pra ele, ela faleceu minha mãe,” seu Binidito, eu to precisando de um vale pra mim ir pro Piauí” “ o que que é meu filho?” eu digo “ minha mãe ta pra morrer, a coisa ta feia” aí ele voltou mais eu e disse “ pode fazer o vale do rapaz e mandar embora” aí ele fez, aí eu cheguei e trabalhei, trabalhei, peguei o dinheiro e fui pagar “ seu Binidito o senhor lembra daquele dinheiro que eu peguei com o senhor? Tá aqui o seu dinheiro” “ eu não quero dinheiro seu não filho, não quero não”. Ele era um velho bom, chegou um rapaz aqui, morava bem aqui, o seu Expedito “seu Benedito eu to pensando em tomar uma aginha fria, eu comprei geladeira e não tenho padrão, arruma um dinheiro pra mim aí” ele falou “ não meu filho” só fez sacar o dinheiro assim e “vai comprar seu padrão e tome sua agua fria”. Ele era bom rapaz, agora o seu Ademar, que era

o da fazenda, eu não tinha muita afinidade não, ele ficava na fazenda, aqui era mais o seu Binidito, o Boa Sorte, o véi Binidito Boa Sorte

P- Benedito foi o que foi morto?

D.E- Não, o que foi morto foi o seu Ademar, o rapazinho matou ele

P- O Ademar né

D.E- Foi, mas foi um grande homem, deu emprego pra muita gente. Na época aqui só tinha esses aqui, o gaúcho aqui né, era as indústrias que tinha aqui, o gaúcho aqui o atacado né. Deu muito emprego pro povo, muita profissão, aí só não ensinou o cara a pilotar avião, mas de tudo saiu daí, soldador, eletricitista, pedreiro, de tudo saiu

P- Porque que vocês acham que se criaram essas histórias em relação a essas mortes?

D.E- Eu não sei, o povo conversava de mais, que aqui tinha um cemitério dentro, eu nunca vi (dona Neusa entra na conversa, “mas você sabe que aonde tem muitas natureza conversa de mais, né, porque olha eu trabalhei em sala de aula, vamo dizer com quarenta alunos quarenta e dois alunos, que não era pra compara um tanto de pessoa dessa pra pessoa governar eles em serviço né, que cada um tem uma natureza diferente né, aí um tem uma consciência de falar só o que vi, e as vezes nem o que vê tudo não fala né, e outros as vezes o que pensa fala, se é verdade fala e se não é verdade fala do mesmo jeito num é, e é porque eles eram muito rígidos, mas você pense, você trabalha numa sala de aula com trinta alunos, não tem dois que tem a mesma natureza num é, um é bastante interessado pa prender e capitar tudo, já o outro se aprender bem e se não aprender fulano me ensina, num é, na prova, eu acredito assim que a maioria era isso, e muitos , um vai uma turminha trabalhar, todos trabalha só porque precisa né, mas um vão com intuito de realizar o serviço que ele tem que fazer né, porque ganhar com honestidade, já outro já não que, já é mais manhoso, aquele que tem mais manha, que quer sentar, porque não deixa porque não pode mesmo né, aí ele acha ruim, aí lima no patrão, eu acredito muito nisso, porque se n fosse assim é havia falta das pessoas, pessoa sumiu, é trabalhador fulano sumiu, e não tinha isso nera porque eu nunca ouvi falar nisso, pergunta, se tinha sumiço de trabalhador? Aí não tinha, era o motivo da gente pensar isso, são as pessoas de má fé, as pessoas que não ta nem aí pra o que fala, se é verdade ou se num é né, eu posso muito

acreditar nisso aí, nessa hipótese aí”) terminou? Olha isso aqui tudo era dele. Sabe quanto tem nessa terra aí? São vinte e seis alqueiro na época né, eu vi o Arno Leal falou pra mim, bem aqui nessa casa aqui, e virou isso aí e tombou tudo isso aí, e era vinte e seis alqueiro na época, aí até chegar na vila Araguaia tudo era dele aí, tudo isso aí, aquele dali do colégio, esse colégio Alfredo Nasser foi ele que doou pra, o véi Binidito doou pro colégio

P- É o terreno da universidade também era deles

D.E- Deles é

D.N- É ele que doou

D.E- Ali da IFTO

D.N- Ele doou antes de morrer

D.E- Foi um grande homem rapaz, esse aí foi um grande patrão, já mudou muita pobreza aqui, esse povo fala mesmo não tem jeito não, falam até de Deus, não tem jeito não, ele pra mim foi bão, agora eu pergunto a você, o que você achou desse parque cimba, não foi bom pra nós aqui dentro d cidade?

P- Eu considero que ficou um excelente área de lazer né, porque aqui era meio digamos (dona Neusa “mei relaxado”) é, largado né, esse pedacinho aqui, e agora ta sempre lotado de gente né, utilizando, deu uma revivida no espaço

D.N- Aí, os dono eles nunca faziam nada, não deixavam ninguém fazer e nem tomava nem uma atitude, o velho, um dia eu vi ele falando na televisão, o velho Binidito, que o sonho dele era fazer (“empurra esse portão bem aí, o sol ali” dona Neusa falando com alguém) que o sonho dele era fazer um parque infantil, porque ele disse que os filho dos rico tinham os lugares de eles se divertirem e os filhos do pobre não tinha diversão nem uma, aí era o sonho dele, era fazer esse parque nessa área de chão aí (seu Ernane “agora ta bom”) isso aí quase que, que cumpriu o desejo dele né

P- É, talvez até mais né

D.E- É verdade

D.N- É, porque ele não ia fazer no chão todo né

P- É

D.N- Um parque, um parque infantil não ia pegar um chão todo, ele disse que era pras crianças pobres brincarem

D.E- Verdade

P- Deu uma revitalizada no parque

D.E- Saia da ferinha tudo, jogava coisa véia, pedaço de pau, cachorro véi, gato

D.N- Tinha dia que a gente não podia sentar na porta aqui assim

D.E- Não podia ficar na porta, aí não ta tão bom, bonito

D.N- Chei de carniça, vinha gente da feirinha jogar resto de carne, é aquelas coisa, aquela ossada, aqueles trem tudo, era cachorro morto, era gato morto, era galinha morta, jogavam tudo aí

D.E- Tudo que ia jogar era no cimba, toda coisa jogada no cimba, agora joga né, prefeito foi longe, ele sabe trabalhar, trabalha com a cabeça, depois que conquistou o povo aí ganhou, não queriam abrir mão disso aí não, hi foi meu pai que deixou, junho pulou lá fora, mas foi chegando de vagarinho ele veio, mas deu um terreno muito caro por esse daí o, foi bom

P- Enquanto vocês conversavam eu fiz umas fotos aqui

D.E- Rapaz e eu sem camisa aqui

P- uai mas não é o jeito que o senhor gosta de ficar aí? Ta natural

D.N- vai queimar a foto, vai queimar bem aí, queima moço, apaga logo se não queima (risos)

P- Eu queria autorização de vocês pra usar essas fotos, as falas de vocês, as fotos, porque nós vamos fazer uns painéis que vão ser colocados aqui no parque, trechos de falas dos moradores, as fotografias e futuramente, talvez daqui seis meses a um ano, a gente vai produzir um livro também reconstruindo essa história, e aí eu to pedindo autorização de vocês pra usar, pode usar?

D.N- Pode usar avontade

## **ENTREVISTA COM SRº GUILHERMINO**

Nome Completo: Guilhermino Santos de Mesquista

Enderenço: Rua Murici nº 294 – Araguaína Sul

Profissão: Agricultor rural/Pedreiro – Atualmente aposentado.

Situação civil: casado

Sexo: masculino

Tem filhos: (4) – 2 dois homens e 2 mulheres

Naturalidade: Valença - Piauí

Quanto tempo mora na cidade: 45

Quanto tempo mora no Bairro: Bairro São João – 26 anos.

Quanto tempo trabalhou na fábrica: 9 meses

Conhece outros possíveis depoentes? (Sim)

Se sim, quem? Raimundo. (Sem endereço)

Possui documentos para doação? ( X ) Não ( ) Sim

Quais?

Augusto: – Gravando.

Antunes: Seu Guilhermino, ham....os meninos explicaram para o senhor o projeto direitinho?

Guilhermino: É eles falaram que era só uma pesquisa... ( [00:13][00:15] – Inadiável) ... a antiga cimba.

Antunes: Isso, a gente tá tentando...

Guilhermino: caçar os cadáveres véi.... (risos)

Antunes: A gente tá tentando aí reconstruir a história não só da fábrica, mas dos trabalhadores que trabalharam nela, das pessoas que tiveram contato, e enfim, que é uma forma revitalizar a história da própria cidade. É ...o senhor autoriza eu gravar a falar do senhor?

Guilhermino: Pode gravar.

Antunes: Tá ok. É...eu queria que o senhor começasse falando... é de antes... o senhor é daqui de Araguaína?

Guilhermino – Não, sou daqui porque tô 45 anos que moro aqui.

Antunes - O senhor é de onde?

Guilhermino – Sou do Piauí.

Antunes - Qual cidade do Piauí?

Guilhermino – É... meu documento é de Valência, mas nunca morei em Valência não, morava em São Felix.

Ant- Com quantos anos mais ou menos você tinha quando saiu de lá?

Guilhermino – 25 anos.

Antunes - 25.É e saiu porque?

Guilhermino – É porque... saiu... porque em (19)70 lá, 70 no Piauí nos perdemos muito legumes, porque o rapaz lá não podia colher, colher ...

([01:54][01:55] – Inadiável) .... aí desaminei assim por plantio e essas coisas e vim pra cá em (19)71.

Antunes - Tá, então lá o senhor era um pequeno agricultor, é isso?

Guilhermino – É, mas no morava na cidade... mas tinha uma fazendinha lá, mas nos vendemos e depois compramos uma chácara perto da cidade com ([02:18][02:20] - incompreensível) movimentar lá que era a cidade de São Felix. É como movimentar com açougue, e nos comprava aqueles gados, de criação tudo, e aí botava na chácara. Aquelas que serviam nos matava e as vezes o cara tinha, na hipótese, dez gados pra vender, só tinha 5 ou 6 no ponto de corte e outros era gado de criar, e aí nos botava na chácara pra criar. Ai nos fiquemos assim: aí nos perdemos esses dois alqueiro de arroz lá, com milho.. desgostemos e eu vi pra cá com o meu irmão, e aí, chegamos aqui... mandamos dizer por pai.

Antunes - O senhor era solteiro na época?

Guilhermino – Eu era solteiro com 25 anos.

Antunes - É...e como o senhor escolheu vim pra Araguaína? Teve alguma informação, como é que foi isso.

Guilhermino – Meu irmão veio aqui primeiro de que eu, aí chegou aqui e mandou dizer pra mim que aqui ainda chovia... (risos)

Antunes - E ele como é que teve a informação aqui de Araguaína?

Guilhermino – Não, ele veio assim só que Araguaína era falado nessa época nera, que a BR passou aqui, 153, né? E era falado, ficou falado sem vê né....e tinha um bocado de gente mais velha que ouviram tudo lá em Santa Cruz, lá, ([04:05] [04:06] – incompreensível)... vieram pra cá, e a gente veio por causa desse povo de lá que ficaram...

Antunes - Por causa das informações?

Guilhermino – É.

Antunes - Tá, e quando o senhor chegou aqui, o senhor se instalou aonde? Que lugar o senhor foi morar? Como foi isso.

Guilhermino – Quando cheguei, fiquei morando alí na casa de um primo meu, aí depois quando, em (19)72, papai mandou dizer pra nós ir buscar ele lá na chácara. Ele vendeu a chácara, a casa, e aí fomos busquemos ele, e compramos um lotinho ali... ([04:41][04:42] – incompreensível)... minha cunhada que mora lá.

Antunes - Qual que é o lugar?

Guilhermino – Bem aqui na Alfredo Nassi.

Antunes - Ah, tá.

Guilhermino – Foi até ela que indicou....

Antunes - É... Nessa chegada, o senhor estranhou muito em relação onde o senhor morava e ficar aqui... como o senhor sentiu isso?

Guilhermino – Eu não senti nada... eu era assim destemido... não tinha negocio de... aí ....

Antunes - Não houver nenhum estranhamento?

Guilhermino – Não, aí... foi indo e cheguei trabalhando aí em qualquer lugar, porque eu trabalhava de pedreiro, e tudo que tu botasse pra eu trabalhar eu trabalhava. Aí, eu tinha um primo que tinha sido acidentado aí um tempo, ele caiu na peneira do ...que [05:34][05:36]... e quebrou as costelas e aí ele tava nas observação. Aí ele, fica lá na casa dele, fiquei lá, ali ele me indicou que eu podia arranjar um serviço aí, e entrei aí, e trabalhei por 8 meses, quase 9 meses, aí fiz tudo o que mandaram eu fazer: uma hora eu tava na circular que era tirando as prensas de madeiras; outra hora tava é ... no coco babaçu; outra hora ia fazer sabão era assim... Aí tinha a fábrica de sabão, fábrica de óleo, de coco, tinha... é... “espancava” algodão e descaroçava ele, tinha descaroçador, descaroçava e fazia os “suardos”, aí os carros apanhavam aí pra ir pra São Paulo, não sei pra onde é. E aí....

Antunes - Então o senhor trabalhou na fábrica só oito meses, oito a nove meses?

Guilhermino – É... foi oito ou nove meses, eu não me lembro bem.

Antunes - Tá, é.... o senhor já antes de trabalhar na fábrica Cimba, o senhor já tinha trabalhado em outro tipo de fábrica?

Guilhermino – Não... não.

Antunes - Foi a primeira vez.

Guilhermino – Primeira vez.

Antunes - Estanhou o tipo de trabalho ou não?

Guilhermino – Não, não estranhei não. Foi o tempo que o “veí”. O veí morreu... morreu não, mataram ele, foi matado... o peão matou ele. E aí, foi avisado aí pelos chefões aí que governava aí o Cimba ia abrir falência. O “veí” tinha morrido, ([07:27][07:28] – incompreensível) E ai Benedito disse que ia só ficar

com fí ([07:30] [07:37] – incompreensível). Aí, discuti com um cabra que tava alí dentro, ele disse que se mostrava ser ... ([07:50] – incompreensível-) aquilo outro.. aí ele esconde liberar as contas. Eu recebi com a alegria, porque aí eu não recebi nem hora extra que eu fazia todo dia, uma hora extra, nem recebi que o chefe era um japonês que movimentava a gente aqui, e depois ele falou assim: Ei tio ....., eu não estou recebendo nem uma hora extra, eu tenho uma hora extra... eu faço uma hora extra todo dia. Aí ele me chamou lá dentro, escondido, e disse: recebe logo que isso aqui tá falindo, e se abrir falência você não vai receber nem isso aqui que você tá recebendo. Naquela época eu recebi dois mili e setecentos e pouco, quase três mil reais, quase dois mil contos naquele tempo, né? Naquele tempo aquelas notas que tinha maior era notas de 500 mil, umas largonas que chamavam “orelha de jegue”. Aí... nós... aí eu disse: ué! Aí ele me explicou: isso aqui não vai três meses vai fechar isso aqui, e a maioria não vai receber nada, nada, nada de indenização e é ... ([08:58][08:59] – indecifrável) ... eu vou assinar aí, e assinei, aí eu recebi, aí eu não tenho queixa do veí que era dono mesmo... finado Ademar, finado Ademar era gente muito boa, você chegava aí, ele era assim que nem modelo desse aí – (apontou para o bolsista Thiago) – fortão, era forte, andava com as calções frouxas assim, aí ele metia a mão no bolso assim – (Guilhermino fez um gesto com as duas mãos abertas simbolizando uma concha) -, trazia aqueles pacotão de dinheiro. Aquela época não tinha, não tinha negocio de carregar o dinheiro não... mas o seu Guilhermino: ele era enraivado assim de ele chegar precisar ver... fazer uma dirigência, chegasse: vocês “vobomra”, “vocês vombora”, as vezes estava chegando ali na hora do almoço e não dissesse não pra ele não, que aí ele achava ruim, se ele não dissesse logo um “bocado” de coisas, mas já, já ia pra rua. Mas, se você dissesse “vombora”, há, mas já tá na hora de comer, eu to lhe chamado pra nos ir acolá, se se você quer ir bem se não quer... era desse jeito. Mas se você fosse... ospeões que fossem já passava no restaurante, no hotel, panhava comida, levava era pra dá de comer pra todo mundo, se era de manhã cedo comprava um “bocado” de pão e coisa e levava, mas que acompanhasse ele, não dissesse não pra ele não, que ele não achava bom.

Antunes – O senhor comentou que entrou na fábrica porque alguém tinha sofrido um acidente, havia muito acidente na... durante o tempo que você trabalhou?

Guilhermino – Não... não, não havia muito acidente não... o meu primo é porque ele foi... chamava Francisco o nome dele, é porque ele foi pegar um não sei o quê lá, e aí, foi rodar e escapuliu lá o pé escorregou e bateu na peneira, e a peneira tava funcionando, né. Aí ele bateu com as costelas assim... e ficou uns dias sem trabalhar, por causa que ele tinha batido com as costelas na máquina. Mas não dava muito acidente não.

Antunes – Lembra de algum acidente grave?

Guilhermino – Não... acidente só esse, e esse mesmo eu não tava nem trabalhando lá.

Antunes – Queria que o senhor puxasse um pouco pela memória e tentasse fazer uma comparação dá época que o senhor vivia lá na cidade de origem, trabalhando na chácara, na terra de vocês com ter vindo pra cá e trabalhado na fábrica. Tentar nos falar assim como era diferente, quais os sentimentos que envolveu isso, como é que o senhor lembra disso?

Guilhermino – Eu lembro assim porque na época nós não trabalhava por outros, nos trabalhávamos por conta própria, nos tínhamos o açougue e tudo, aí, meu irmão resolveu vim pra cá, aí mandou dizer que aqui ainda chovia, que aqui tinha muito serviço, que aqui a gente trabalhava, tinha onde trabalhar. Aí eu vim pra cá, meu também resolveu a vim, aí veio e aí pronto, nos ficamos morando aqui. Meu pai depois, com um anos faleceu, aí pra mim a diferença é essa: que lá, cidade pequena do Piauí, só tinha de empregado só aquele que trabalhavam numa prefeitura, isso aqui e aquilo outro, mas, lá nos trabalhávamos por conta própria, né? Aí viemos pra cá, e aí o negocio trabalhava com o meu irmão – esse que faleceu – que já faleceu, trabalhava aí de caminhão que trabalhava puxando madeira de lá pra serralheira; depois que ele saiu daqui e entrou numa firma aí em São Geraldo, lá foi aonde ele foi acidentado e aí passou 22 anos em uma cadeira de rodas, porque um pau caiu em cima dele e cortou a... e aí ficou 22 anos, o médico disse que ele mais a firma nesse tempo que se chamava ([13:33][13:35] incompreendido) ... Aquela lá de São Geraldo, apanhou ele aí, lá no mato num avião e levou pra Belém, lá ele passou um ano lá no hospital e aí veio com o espinhaço... uma platinas

dentro do espinhaço e era na cadeira de rodas... aí ele veio, e o médico disse assim: olhe, dona Matilde, ele só vai viver mais ou menos uns dez anos, dez a doze anos, porque devido a posição dele, e do jeito que tá... aí ele ainda viveu, ele tinha três meninos só, todos os três homens, aí ele ainda viveu ainda 23 anos.

Antunes – Mas se eu perguntar por senhor assim: qual é a coisa que o senhor tem mais saudade na vida do senhor inteira, o que que seria?

Guilhermino – Não... de nada do Piauí. Não tenho muita saudade não, tenho saudade assim daquele tempo que a gente era novo lá, ia bater... porque lá sempre pra gente brincar naquelas festas, tinha aquelas festas de Reis, tinha aquelas festas mesmo de coisa era muito diferente de hoje, hoje vai pra uma festa dessas daí e não tem festa, tem umas baladas, uns negócios, uns pula-pula... (risos)... muito diferente da época nossa, né? A gente ia pra lá, era pro baile, era uma festa e depois que terminava era um baile, era uma baile até o dia amanhecer, o dia amanhecia largava e o sol saía e a gente brincando lá, dançando... hoje não tem mais isso, era só isso que era... a diferença é só essa que hoje não tem mais esse negócio.

Antunes – Outra pessoa que entrevistamos falou que tinha um armazém que era da própria fábrica.

Guilhermino – Era. Tinha... aquele povo aqui onde tinha as suas casas trabalhava e aí pegava aquelas...

Antunes – Mercadorias

Guilhermino – É, pegava as mercadorias: óleo mesmo, é eles fabricavam ali mesmo, chamava óleo levi de coco, né? Aí esse povo nunca mercadoria aqueles que residiam aqui dentro mesmo, pegavam e... mercadorias pra descontar do salário, né.

Antunes – E compensava? Tipo era mais barato do que comprar em outros lugares ou era o mesmo preço?

Guilhermino – Não... é tinha alguns que era mais barato, eles vendiam assim mais barato, mas naquele tempo não tinha o ... era pouca venda que tinha, né. Não tinha como é hoje esses supermercados... chamava era mercearia. Aí eles entregavam mais barato assim mesmo que o cara descontava do salário.

Antunes – Recebia o que por semana? Por quinzena? Por mês? Como é que era?

Guilhermino – Era por quinzena. No início, assim que entrei, eles pagavam todo o fim de semana.

Antunes – Passou de quinze dias?

Guilhermino – Aí passou de quinze e quinze dias, aí quando eu saí já tava recebendo que o....vei morreu, né. Aí eles passaram a pagar mensal. Mas, do mais, tem a ficha dele.

Antunes – E as casas, disse que havia varias casas aqui em torno do Cimba mesmo, que os trabalhadores moravam. O senhor chegou a morar em uma dessas casas?

Guilhermino -Não, não porque na época eu era solteiro. Aí eu morava mesmo....mas aí quando meu pai chegou, aí, compremos um lotezinho aí, em cima, na Alfredo Nassi, aí, com a casinha de tábuas, as paredes, em cima, era coberta até de palha. Aí, nos chegemos e construímos a casinha e tal, e lá está a casinha lá na Alfredo Nassi, é até a minha cunhada que tá morando lá.

Antunes – E as casas que eram da fábrica eram assim também cobertas de palha?

Guilhermino – Não... era coberta de telha e feita de madeira. É tinha umas que era de alvenaria mesmo... beirando assim tinha um bocado de casas. Já desmancharam era tudo.

Antunes – Acho que só tem uma aqui ao lado de lá do poste.

Guilhermino – É do outro lado, é do lado do córrego. Do outro lado, da rua 02 de junho. Tem uma pra lá.

Antunes – É... como que era o espaço da fábrica? Porque o senhor falou que exerceu varias funções, madeira, mármore. Como que era este espaço da fábrica?

Guilhermino – As fábricas eram aqueles galpões que tá lá. E a madeireira que era a serralheria – Serra Fitt – que era montada. Então tem as base inteira dela, desse lado daqui de lá, tem umas base lá. Que era montado aí a serralheria, essa era o galpãozinho mais simples que se acabou mais logo.

Antunes – O que mais que havia? Madeira, óleo?

Guilhermino – É essas coisas. Fábrica de sabão.

Antunes – Sabão.

Guilhermino – Sabão em pó, sabão ...tudo tipo.

Antunes – Tinha beneficiamento de arroz também? Ou não?

Guilhermino – Rapaz, eu acho que tinha. Uma pequeninha, mas é bem para rasgar arroz... era só pra...

Antunes - por gasto.

Guilhermino – por gasto!

Guilhermino – Agora sobre a madeira e buscar no campo era o meu irmão que trabalhava de motorista. Então, ia buscar madeira pra lá com os caminhão torra.... ([19:46] [19:48] – incompreendido) E lá tinha um caras atirando na pistola. Nesse tempo isso aí na beira do Lontra tinha muito, deve ter saído, depois passaram por Pará, não mais.

Antunes - Como é que o senhor ver a importância da fábrica assim para a cidade? Foi muito importante? Nem tanto assim? Como é que o senhor vê isso?

Guilhermino – É... era muito importante assim, porque dava muito emprego pra cidade, depois que acabou e ficou só os casarão veí, aí muita gente perdeu os empregos, não tinha onde trabalhar... porque....

Antunes - Na época que o senhor trabalhou tinha mais ou menos quantos?

Guilhermino – Uns seiscentos.

Antunes - Seiscentos?

Guilhermino – É. Seiscentos trabalhadores. De quinhentos a seiscentos era essa base. E lá no campo trabalhando ... ([20:40] [20:42] – incompreendido ).

Antunes - E igual o senhor falou. Quando ela fechou muita gente ficou desempregada. Deu pra sentir esse **impacto** na cidade esse “baque”. Como é que o senhor lembra disso.

Guilhermino – Olha, assim, quase que todo mundo que trabalhava lá teve aquele baque. Perdeu os empregos, até arrumar outro e localizar em outro serviço, mesmo....

Antunes - O senhor acha que gente saiu da cidade por conto disso ou não?

Guilhermino – É tem um bocado que saiu e foi caçar serviço no outro lugar. O meu irmão mesmo foi um deles, foi por Pará.

Antunes - E o senhor? Depois que saiu da fábrica, você foi trabalhar com o quê?

Guilhermino – Fui trabalhar em outro... numa madeireira ali que tinha do outro lado da BR, assim, fiquei seis meses trabalhando lá, até depois que foi que eu tô na ([21:45][21:48] – incompreendido) E lá eu fui trabalhar... botar uma

caldeira pra funcionar, que tinha a caldeira que colocava a energia, era uma caldeira, uma serralheira, se não era caldeira. Tudo eu tava aí, até que eu fui passar a trabalhar lá, nessa caldeira na serralheria que tinha lá...

Antunes - Foi uma aprendizagem?

Guilhermino – É... e lá... fui fazer um teste lá e trabalhei seis meses lá. Aí, passou, passou a serralheria foi por rumo do Pará, pra lá. Que a madeira tava ganhando de bico, lá era Serrafita também, que era serra assim, né. Tem aquelas que chamam reco-reco, aí peguei muita pratica e depois fiquei trabalhando, trabalhei um bocado de tempo em uma serralheriazinha que tava montada bem ali, que hoje é “**metade estrada**”. Trabalhei muito tempo lá, abainhando, aí ele comprou uma fazenda depois do Ananás, aí ele botou ela pra lá, desmontamos ela aqui ea levemos e montemos ela lá, trabalhei um bocado de tempo de lá e eu vim, aqui, pra cá. E quando eu vim pra cá, aí daqui eu fui para a barragem de Tucurumim. No inicio e trabalhei um bocado de tempo, e aí quando eu cheguei, aí cheguei aqui, voltei, e casei.

Antunes – O senhor casou com quantos anos?

Guilhermino – 32 anos.

Antunes - Está casado ainda?

Guilhermino – Casado com a mesma mulher.

Antunes – Quantos filhos você tem?

Guilhermino – Quatro – dois homens e duas mulher.

Antunes – Você já aposentou?

Guilhermino – Já. Graças a Deus.

Antunes – Quando você aposentou você trabalhava com o quê? Tava onde trabalhando?

Guilhermino – Ali mesmo, na feirinha. Tinha uma bacanzinha.

Antunes – Ah, tá.

Guilhermino – Banca de verduras, lá naquele galpão lá. No mercado.

Antunes – Mas o senhor se aposentou oficialmente?

Guilhermino – Oficialmente.

Antunes – Recebe a aposentadoria?

Guilhermino – É.

Antunes – O senhor se aposentou em qual modalidade? Trabalhador Rural ou pelo tempo de serviço?

Guilhermino – Pelo tempo de idade. 65 anos.

Antunes -O senhor chegou a estudar e até que ano?

Guilhermino – Eu fiz a segunda série, só. Quando era mais novo, lá em São Felix.

Antunes – E os filhos estudam? Estudaram?

Guilhermino – Ele não quis estudar, é mecânico, mas não tá exercendo a profissão. Ele tá envolvido em uns negócios aí dos demônio, eu chamo isso de coisa de demônio.

Antunes – Como assim?

Guilhermino – Negocio de .... se não vive desse tipo de coisa...

Antunes – Coisa errada?

Guilhermino – Coisa errada e aí... o outro tá fazendo faculdade, tá treze anos trabalhando na Maternidade de técnico de enfermagem.

Antunes – Tá fazendo enfermagem?

Guilhermino – Agora tá fazendo faculdade.

Antunes – Legal.

Guilhermino – E o mais, as meninas tem, que é duas mulher, uma mora ali do outro lado – casada, marido dela é trabalhador, tenho a outra também que trabalhar lá na Revemar. Só tem esse outro aí, que é muito bem mecânico, mas não quer trabalhar. Já chegou a trabalhar na Scania, e enxergou esse lado errado aí.

Antunes – Trabalhar na fábrica era o suficiente para a manutenção da família ou era muito pesado?

Guilhermino – Não. Na época eu não tinha família né, trabalhava lá, mas acho que era muito importante para aqueles outros que tinham família, que morando aqui... tinha um bocado de conhecido: tinha o Raimundo que.... um bocado de conhecido, que até hoje eu conheço, que até hoje nos se encontra assim: rapaz tu não tá na seca não... é aquelas brincadeiras. Tem esse Raimundo que nos chama... tratava ele de Raimundo Pipira. Aí, tem um bocado aí que nos até hoje se encontra. Outros mudou da cidade, outros foram embora...

Antunes – Aí, lembra daqueles tempos da fábrica.

Guilhermino – É! Naquele tempo que nos trabalhava junto. De manhã, ali umas sete horas, chegava cada um marcava seu ponto, aí vinha o café, era pão. Eu nunca gostei de pão, eu já saía de casa e comprava um bolo, uma coisa e

pegava dois três pães botava dentro de uma sacola, e quando as mulher tava trabalhando assim, umas nove horas, vocês querem pães? Onde tu arrumou esses pães? Eu peguei lá, esses pães tão aí... as mulher fazia farra com esses pães. Eu não comia pão de jeito nenhum.

Antunes – Por falar nisso, o senhor lembrar se trabalhavam menores na época?

Guilhermino – Não, trabalhava menores não. Na época não trabalhava menores não. Bem ali dentro não tinha serviços para menores.

Antunes – Mas um ou outro? Um ou outro não tinha? Porque eu entrevistei uma senhora que ela começou a trabalhar com 12 anos lá, tem até a foto dela junto da máquina. Fechando as latas de óleo.

Guilhermino – Não, mas é...as vezes lá.. sobrava uma mulher tá com o filho, e as vez levava e aí e dizia: eu tô com a minha menina sem trabalhar, sabe se ela podia trabalhar, assim de 12 anos pra frente, mas menino mesmo não trabalhava não. Porque mulher com doze anos já é uma moçona. E também, conheço gente que casou com 12 anos... é.... com doze/ treze ano já tinha filho.

Antunes – O senhor lembra mais ou menos de quantas mulheres tinham na época que o senhor trabalhou?

Guilhermino – Não, não lembro não... mas tinha muita mulher trabalhando.

Antunes – Assim, mais ou menos, é... dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta? Quantos mais ou menos?

Guilhermino – Tinha muito mais de cinquenta. Mais de 60 mulher.

Antunes – Eita.

Guilhermino – Porque lá se desfiava algodão, quebrava coco, era muita diversão, tinha essa fábrica de óleo, trabalhava... ([29:08][29:10] – áudio não compreendi ) ... tinha sabão, era para empacotar, tinha sabão pra ... de barra.

Antunes – Esse coco de babaçu vinha de onde?

Guilhermino- Aqui do lado, da região aqui, mais era mais daqui de Tocantinópolis tinha as quebradeiras que quebravam lá, e ali vinha os sacos de coco que traziam os cocos mesmos, cortavam o coco assim, não tem aqui pra traz, rodava uma roda lá e um cacetinho, botava ela numa peneira e ficava só aquele osso, limpava ele e ficava só o osso. Aí botava ele assim atravessado, aí cortava de uma ponta de um lado, aí aquele pontinho do lado e do outro, e

tinha dois martelos que batiam assim, e aí caía na peneira lá embaixo e as mulher ia separando o bago da ....

Antunes – Eles tanto usavam já as castanhas que já vinham quebradas, tanto quanto a que eles quebravam aqui também.

Guilhermino – Quebravam aqui também, aí o que eram quebrados aí, aquela casca era aproveitada todinha na caldeira. Gerar energia quebrava o coco também, fazia o carvão. Não estruía não. Aí tinha muita mulher trabalhado aí, era mais de cinquenta... que trabalhava aí dentro.

Antunes – E homens, só aqui, sem contar os que trabalhavam no campo. Só aqui dentro da fábrica tinha mais ou menos quantos?

Guilhermino – Rapaz, acho que tinha mais de cem homens trabalhando aí dentro. Era mais de seiscentos homens que eram empregados aí. Empregavam muita gente. Só que assim tem um bocado que foi transferido lá por Freemar, lá embaixo, mas do mais, era muita gente, o mais ficou desempregado.

Antunes – Tá, o senhor havia me falado de quando começou surgir a noticia que ia falir, isso foi de imediato ou levou alguns anos para que ela fosse diminuindo a produção?

Guilhermino – Não...Foi menos de ano.

Antunes – Foi depois que o veio morreu?

Guilhermino – Mais ou menos um ano... e aquele povo que tava, ficou empregado depois d'eu. Tem desses que não recebeu nada, só mesmo o salário do mês. Não tem negócio de 13<sup>o</sup>, férias. Que foi que o japonês falou que era melhor correr pra receber... to recebe logo, porque, aí não vai três meses que vai abrir falência.

Antunes – Mas quando ela estava funcionando bem, tinha férias? 13<sup>o</sup> salario?

Guilhermino – Têm.

Antunes – É isso, eu gostaria de voltar aqui outro dia, pra gente conversar mais sobre isso se o senhor quiser, e se não se importar. Desde já agradeço muito e eu queria fazer uma foto do senhor, o senhor permite?

Guilhermino – Pode fazer.

Entrevistador: Antunes

Estagiários: Andreza, Bárbara, Iara.

**Entrevistado: José Mourão**

João Mourão:

-Tem mais de quarenta anos de idade que eu moro na cidade de Araguaína, cheguei da Araguaína aqui. Eu morava nú Nazaré estado do Tocantins, do Nazaré eu fui morar no estado do Pará cidade de São Geraldo nú Pará. Do São Geraldo retornei para Araguaína, aí quando eu cheguei no (trecho inaudível 33' a 34') foi a cimba.

Antunes:

-Tá.

-É. Mas me fale um pouco lá da, de antes? é.. quando você morava em Nazaré é, O senhor nasceu lá ?

João Mourão:

-Nasci lá !

Antunes:

-E ficou lá até que idade mais o menos?

João Mourão:

- Quando eu sai (Trecho inaudível 53' a 54' )

De dezessete anu de idade.

Antunes:

-Hum Rum !

-É... e nesta época que o senhor morava em Nazaré depois foi pro Pará, é... que tipo de atividade o senhor exercia ? De trabalho?

João Mourão:

-A minha atividade, eu sempre (trecho inaudível 01''9' a 01'' 11') sempre de macineiru.

Antunes:

-Hum Rum !

-Ham... Cum quantos anos o senhor casou ? Já casou lá ou aqui ?

João Mourão:

-Não !eu já casei aqui em Araguaína.

Antunes:

- Tá.

Antunes :

-É... chegou a trabalhar em alguma atividade vinculada ao campo, agricultura, essas coisas ?

João Mourão:

-Não ! Agricultura nor tinha !nó trabaiô, (trecho inaudível de 01"35' a 01"36' ) agricultura nós tiamu uma terra, uma pequena popularidade no estado de Nazaré, ai noize tinha propriedade lá.

Antunes:

-Me fale um pouco sobre esse(...) lá, nessa propriedade, nessa terra ? como era a vida do senhor nessa época ?

João mourão:

-Não !era uma vida razuavi, num era uma vida mais o menos financeira boa na época: tendeu ? aí nor tinha criação bovina, tudo, essa coisa, noize tinha(trecho inaudível 02"07' a 02"11' ) minha mãe vendeu lá! Minha mãe foi viúva, minha mãe vendeu o terreno ai noize mudemo fumo pro Pará, aí minha mãe começou a trabalhar de novo cum cumércio, trabalhar, fazerem restaurante, ai quando noize voltemu pra Araguaína novamente. Ela foi, ela muntou uma mercearia aqui em Araguaína.

Antunes:

-Tá !

-Há, o que motivou o senhora vir pra Araguaína ?

João Mourão:

-O que motivou o seguinte na cidade de Araguaína, foi o seguinte: a baixa, desemprego, por quê lá na cidade antigamente que eu nasci lá num tinha barcão de emprego, a gente só podia viver da agricultura, quem tinha uma terra, trabalhava própriu terreno, quem num tinha, tinha que trabalhar pro zoutro particular.

Antunes:

-Há....

-Quando você veio para cá, o senhor se instalou a onde ?foi morar onde ?

João Morão:

- Primeira rua quando chegemo se instalemo foi na rua Adevaldo de Moraes que o centro da cidade.

Antunes:

-Hum Rum !

-É... e demorou a conseguir trabalho aqui, depois que o senhor chegou ?

João Mourão:

-Não !eu cheguei cum antes de trinta dia, quando eu cheguei já tava empregado na cimba.

Antunes:

-É...

-Quando o senhor veio de lá pra cá, o senhor já sabia da existência desta fabrica ?já veio pensando em trabalhar nela ?

João Mourão:

-Sabia !

-Já vim pensando (trecho inaudível 03"43' a 03"44' ) já era uma muita sucedida do estado de Araguaína.

Antunes:

-alguém informou para o senhor ?

João Mourão:

-Não, Não !noize já vim de lá sabendo que era grande indústria, foi a cimba.

Antunes:

-É...

-E o senhor ficou morando lá no centro por muito tempo ?

João Mourão:

-Eu fiquei morando lá nu centro até eu chegar i me casar, i depois que eu me casei que eu.

Antunes:

-E quando senhorse casou, já trabalhava na cimba ?

João Mourão:

-Já !eu trabalhava na cimba antes de mi casar já.

Antunes:

-Tá.

-É..

-Seu João, tente assim puxar da memória. Como era esse tempo ? como o senhor vivia w quais eram as relações ? o senhor estabelecia com os vizinhos, amigos, com os outros trabalhadores da fabrica ?

-Tô perguntando assim porquê as vezes o senhor imagina que meu interesse e só saber da fábrica. Não, eu quero saber da vida do senhor como e que era ?

João Mourão:

-A minha vida foi sempre um jogo aberto. Sempre !eu sempre procurei preucurar melhores amigos, amizades tudo. Tendeu ?

Antunes:

-Há...

-Bom !

-vamos falar um pouquinho é... da fabrica ? não ! antes disso, além do senhor alguém da família do senhor trabalhava ou era só o senhor ?

João Mourão:

-Não !trabalhou dois irmão meus.

Antunes:

-Hum Rum

-E a esposa do Senhor não ?

João Mourão:

-Não. Ela nunca trabalhou lá não !

Antunes:

-Tá.

-E... como era esse trabalhar na fábrica ? conte tudo o que o senhor puder lembrar desta fábrica ?

João Mourão:

-Ai, meu irmão ele trabalha de macineiro e o outro irmão meu era soldador da impresa, ele era soldador da empresa meu irmão mais velho era soldador da empresa.

Antunes:

-O que essa empresa produzia ?

João Mourão:

-A empresa ela produzia, ela era uma empresa madeireira, ela tinha serraria que produzia, que serrava e exportava madeira para fora, ela tinha uma fábrica

de óleo, que era o óleo levinha. tendeu ? ela tinha uma fábrica de sabão, que e o sabão, ela fazia tantu o sabão de barra quanto o sabão em pó.

E(...) a industria ela era muito produtiva. Tendeu ?ela tinha um deposito só pra bebida, aí eles tinha deposito de açúcar, o açúcar a granel que vinha num saco grande o açúcar a granel. então eles tinha uma fábrica, eles era usineiro, então eles prduzia lá na cidade de Goiás pra cá por que aqui num tinha.

Antunes:

-A TÁ !

- A fabrica de açúcar era em Goiás !

João Mourão:

-Era.

-Aí ele vendia e comercializava aqui.

Antunes:

-É...

-E lá dentro da fábrica o senhor trabalhava com o quê ?

João Mourão:

-Eu ?

-Na fabrica eu era macineiro.

Antunes:

-Só na marcenaria ?

João Mourão:

-É na marcenaria !

Antunes:

-O que era essa marcenaria ?

-É... eles trabalhavam com tora e transformavam in.

João Mourão:

-Elas transformavam in, a fábrica assim. Ela tanto vindia a madeira exportação pra fora, comu era prduzia, ela prduzia movís pra vender aqui dentro da cidade de Araguaína. Ela fazia portas e portais pra vender estocados, pra exportação pra fora.

Antunes:

-Era uma grande marcenaria ?

João mourão:

-Era !

-Noize fazia cruzeta, aquelas cruzeta que bota num porte de luz, noize fazia exportação pra fora, naquela época da Goiânia, fazia de estoque pra vender pra exportação.

Antunes:

-É...

-O senhor lembra mais ou mesmo a quantidade de pessoas que trabalharam na fábrica, em todas as áreas?

João Morão:

-Na todas as arias era mais ou me, a ideia na quela época de duzentas pessoas.

Antunes:

-E na macenaria?

João Morão:

-Dentru da fábrica de macenaria tinha mais ou menu uma sententa pessoa trabalhando na movelaria .

-Ela é uma grande empresa muito produtiva.

Antunes:

-È...

-Salário compensava ?

João Mourão:

-Naquela época o salário. Sempre o salario mínimo toda vida, cê sabe como o salario é né !

-Naquela época o salário mínimo era cento e setenta cruzeiro o salário mínimo na época.

Antunes:

-E tinha diferença de salários ?por exemplo:

-O senhor trabalhava na marcenaria outros trabalhava em outra seção.

João Mourão:

-Não.

Antunes:

-Havia diferença ? (trecho inaudível 08"40' )

João Mourão:

-Tinha diferença, tinha diferença !

Antunes:

-Quem era que ganhava mais ?

João Mourão:

-Os profissional ganhava mais que.

Antunes:

-Como os marceneiros !

João Mourão:

-Comu os marceneiro.

Antunes:

-Tá.

-Era um pouquinho a mais o salário ?

João Mourão: -

-E ai já passava pra um salário e meio purai.

Antunes:

-É...

-Trabalhava homem, mulher e criança com e que era ?

João Mourão: Homens.

-Não Criança !

-Só mulher, homens e mulheres.

Antunes:

-Crianças não ?

João Mourão:

-Não !Não !

Antunes:

-Nenhuma ?

João Mourão:

-Eles não permitia assim pessoa di menor trabaíar não !

-Logo nu governo, proprietário era senador da república.

-Enton !uma pissoa di menor trabaíar tinha que ser (trecho inaudível 09"17' a 09"18') dos paisis, pra puder trabaíar lá, os pais tinha que ser responsável pelo próprio filho.

Antunes:

-Sei !

-mas tinha ?

João Mourão:

-Mais tinha !

-De menor assim de quatoze. Nunca de quatoze. de quinze anu pra cima.

Antunes:

-Ham Ram !

-Ok.

Antunes:

-É...

-Acontecia muito acidente, na fábrica ?

João Mourão:

-Não !

-Sempre fábrica, todas as indrustia sempre acontece acidente.

Antunes:

-Ocorreu casos de acidentes fatais ?

João mourão:

-Só um !

- De conhecimento meu dum cara que ele caiu, que ele acidentou-se. Ai ele caiu dentru da peneira dá dá dá usina de óleo.

Antunes:

-Avê Maria !

João Mourão:

-Ai ele ficou na hora do almoço tirando fougá lá do (Trecho inaudível 10"08' a 10"09'). Nam vou almoçar dispôs er vortu aí não (trecho inaudível 10"11' a 10"13') despejar uma saca de coco quando ele despejou o saco de coco cai na pineira, que o coco era pinerado que era pra tirar u ceparar o (trecho inaudível 10"21' a 10"23') pra i pro muedor. Ai ele caiu dentro da pineira, ai ele ficou diretamente na pineira sem puder a levantar.

Antunes :

-Sem conseguir sair !

João Mourão:

-Ele não podia sair.

-Quando o pessoal chegava ele tava dentru da pineira.

Antunes:

-Chegou a falecer então ?

João Mourão:

-Não !

-Ele falecer depois de três anos, por um três anos depois que teve o acidente, ele ficou grave, ai ele não conseguiu mais trabalhar até que faliceu.

Antunes:

-Esse óleo era feito do coco babaçu ?Né !

João Mourão:

-Era o coco babaçu.

Antunes:

-É...

-O senhor tem lembranças de como este coco era adquirido pela fábrica ?

João Mourão:

-Elis cumprava u coco né, a castanha do coco, ai eles cumprava o coco babaçu na casca ai tinha a maquina própria pra quebrar u coco.

Antunes:

-Lá na própria fábrica ?

João Mourão:

-Ná própria fábrica !

Antunes:

-Ham...

-As latas eram produzidas na própria fábrica, pra em latar o óleo ?

João Mourão:

-Tudim !

-Era produzida aí. Tinha a estamparia que era pra produzir as latas, o óleo também era refinado, aí tinha a refinaria du óleo, ai fazia a exportação do óleo.

Antunes:

-É...

-Outra pessoa que trabalhava lá me disse que lá tinha um armazém também !

João Mourão:

-Tinha !

Antunes:

-É...

-E vocês compravam no armazém da fábrica, isto entrava como parte do salário ou não ?como é que era ?

João Mourão:

-Não !

-Toda quarta feira tinha comércio que eles faziam, toda quarta-feira tinha feira láno armazém pra vender. Tanto o pessoal que trabalhava dentru da industria como o pessoal de fora particular.

Toda quarta-feira tinha uma feira !toda quarta.

Antunes:

-É...

-Pra vocêsque trabalhavam era mais barato ou era o mesmo preço que era vendido ?(trecho inaudível 12"10' a 12"11')

João Mourão:

-Mais barato !

-Né, por que a pessoa já era funcionário da impresa e comprava mais barato.

Antunes:

-É...

- E como era a forma de pagamento ?era memanal ?

João Mourão:

-Não !

-Semanal .

Antunes:

-Semanal !

-É...

-Qual a opinião do senhor sobre a influência da fábrica na cidade ?no comércio da cidade, nas relações de trabalho, ela tinha muita importância ou num tinha ?

João Mourão:

-A fábrica ela foi dentu da cidade de araguaina foi uma mãe, ela deu emprego pra varias pessoas dentro da cidade. Só ela de indústria que tinha entom ela ajudou !foi uma empresa que entrou que chegou dentro da cidade que judou a crescer Araguaína.

-Entom, eles chegaram e cresceram junto.

-Enton, ela deu a vida a cidade de Araguaína esta fábrica ai.

Antunes:

-Quanto tempo o senhor trabalhou na fábrica ?

João Mourão:

-Eu ?

Antunes:

-É.

João Mourão:

-(trecho inaudível 13: 17 a 13:22 ) nós fumo pra o figurifico, trabalhar no figurifico.

Antunes:

-Que era dos mesmo proprietários?

João Morão:

-Du mermu proprietário.

-Quando eu saí da fábrica foi in dois mil e cinco.

Antunes:

-Ham?

-Dois mil e cinco?

João Morão:

-Foi!

Antunes:

-Mas em dois e mil e cinco a fábrica já não existia mais.

João Morão:

-Num existia mais não, já tinha. Aí, noize já tinha construindo o SBT e o figurifico que é u...

Antunes:

-Frimar!

João Morão:

-É.

-Que é o Frimar. É quando eu sai foi em dois mil e cinco.

Antunes :

-Há... Que você saiu do Frimar.

Antunes:

-Mas na fábrica quantos anos o senhor trabalhou?

João Morão:

-Eu trabalhei aí foi em setenta e três. Aí eu fui trabalhar lá nú figurifico, aí fui transferido daqui pra eu trabalhar no figurifico.

Antunes:

-O senhor entrou em setenta e três e ficou até que ano mais ou mesmo?

João Mourão:

-Saí daqui em setenta e quatro que eu fui trabalhar lá.

Antunes:

-Há...

-tá.

-Então a fábrica foi mais ou mesmo um ano ?

João Mourão:

-Na maisi o menus um ano.

Antunes:

-O senhor lembra de quando ela fechou mais o menos ? o ano da fábrica aqui ?

João Mourão:

-Rapaisi, quando a fabrica fechou foi na época que o rapaz que o irmão dele foi assassinado.

Antunes:

-Atá !

João Mourão:

-Ele foi assassinado em 63 por ai. Ele foi assassinado pelo próprio funcionário dele.

Antunes:

-O senhor considera que este foi o motivo do fechamento pela família (Trecho inaudível 15"01' a 15"02') fábrica ?

João Mourão:

-Por que um seguinte (trecho inaudível 15"03' a 15"04') fechamento. eles já tinham vindido a fábrica pra um japonês, é... até o japonês se chama doutor Menu é japonês ele.

-Aí ele num deu conta de manter a empresa intactus, aí o senador que era o Benedito Vicente Ferreira aí pegou a fábrica de volta. Entendeu ?aí ele pegou de volta, ai ficou pelo o que ele tinha dado intorno de dinheiro, entom ele pegou a fábrica de volta por que ele não tinha condição de pagar e manter a empresa intactus. Aí ele foi e pegou a empresa de volta ela ficou funcionando a mesma coisa, ai quando foi na época, a quando foi assassinado o irmão dele foi a época que fechou.

Antunes:-

- Qual era o nome do Benedito ?

João Mourão:

-Ademar Benedito Vicente Ferreira.

Antunes:

-É...

-E quando a fábrica fechou é... isto causou impacto, na questão do desemprego eu imagino né como muitas pessoas foram despedidas ou Araguaína já absorvia essa (trecho inaudível 16"17' a 16"18') ?

João Mourão:

-Não !

-Já tinha vários empregos, eles já tinha montado a indústria que o frigorífico, aí a pessoa já trabalha aqui com ele aí foi tudo trabalhar no frigorífico. Lá também era frigorífico dele, era frigorífico e era fábrica também. Lá ele produzia é... salsicha, mortadela, carnis pra exportação pra fora, lá também era outra fábrica num só era matadouro.

Antunes:

-Lá trabalhava quantas pessoas mais o menos ?

João Mourão:

-Lá, láNo frigorífico era mais o menos era uns quinhentos funcionários.

Antunes:

-Este frigorífico ainda existe?

João Mourão:

-Té hoje existe que é o frigorífico boi forte.

Antunes:

-É ainda de propriedade deles ?

João Mourão:

-Propriedade deles ?só que lá é arrendado.

Antunes:

-Atá.

Antunes:

-Eles arrendaram pra outras pessoas ?

João Mourão:

-É.

-Arrendaram pra outras pessoas particular, o SBT ainda tá nos nome deles ainda.

Antunes:

-É...

-Pro senhor mudou muito a vida do senhor depois que o senhor saiu da fábrica, depois pro frigorífico, o quê que mudou?

João Mourão:

-Mudou !

-Quando eu sai de lá eu existia outra profissão antes de mecânico, aí depois, já comecei a trabalhar de pedreiro pra própria empresa, depois me passaram trabalhar como mestre de obra aí fiquei construindo pra eles aqui em Araguaína, Palmas e fortaleza.

Antunes:

-Do ponto de vista da sustentação a sua família etc num mudou muita coisa ?

João Mourão:

-Não !

-Num mudou não. Por que quando eu trabalhava pra fora, quando eu saía pra fora e ia trabalhar eu num preocupava com dinheiro, com pagamento. O pagamento ele vinha deixar na minha casa pra minha esposa.

Antunes:

-Tá certo.

Antunes:

-Há...

-O senhor já aposentou ou não ?

João Mourão:

-Já !

-Já tem um ano já.

Antunes:

-E esse tempo que o senhor trabalhou na fábrica no frigorífico contou pra sua aposentadoria ?o senhor conseguiu constatar esse tempo?

João Mourão:

-Eu consegui pelo tempo de serviço.

Antunes:

-Atá !

Antunes:

-Na época da fábrica ele trabalhava de carteira assinada?

João Mourão:

-Carteira assinada!

Antunes:

-Tá bom seu João talvez eu volto aqui pra gente conversa mais um pouco, pode ser ?

João Mourão:

-Na hora que cê quiser, na minha casa tá sempre bem vindo.

Antunes:

-A gente ta entrevistando várias pessoas é ...o senhor conhece alguém que senhor poderia indicar pra gente que trabalhou lá também ?

João Mourão:

-Oíá tem um !eu conheço varias pessoas que trabalhou cumigo, nois trabalhemo junto tem um Hernandes, o Paulo que foi o eletricista da empresa.

lara:

-O senhor sabe o endereço deles ?

João Mourão:

-Eles moram na rua muricizal.

lara:

-Essa muricizal e a do Araguaína sul ?

João Mourão:

-Hum ?

-Essa rua e aqui pertinho, a muricizal aqui (trecho inaudível 19"57' a 20"00') aqui já e centro aqui num e mas bairro aqui já e centro.

Antunes:

-Há .

-Falar nisso eu já estava me esquecendo! A Fábrica tinha casas?

João Mourão:

-Tinha;

-Tinha;

-Tinha.

Antunes:

-Aqui para os funcionários ?

João Mourão:

-Pra os funcionários !

Antunes:

-Estas casas ainda existem ?

João Mourão:

-Não.

-Forma tudo demolido!

Antunes:

-É ali

João Mourão:

-Onde hoje e o parque cimba.

Antunes:

-Ham Ram...

-Naquele lado assim.

João Mourão:

-Naquele lado de baixo.

Antunes:

-Parece que ainda resta uma, mas que foi reformada.

João Mourão:

-Existe lá onde era a rádio.

Antunes:

-Hum...

João Mourão:

-A primeira rádio de Araguaína foi deles.

Antunes:

-Há é ?

-E era ali ?

João Mourão:

-E era naquela casa que tá intactos na rádio Araguaína FM.

Antunes:

-Bom saber !

-Já é informação nova.

Antunes:

-O senhor chegou a morar em uma dessas casas ?

João Mourão:

-Não, não!

Antunes:

-Me disseram que eles tinham uma casa onde a família morava, os proprietários?

João Mourão:

-Tinha.

Antunes:

-Mais esta casa já não existe mais ?

João Mourão:

-Não.

-Essa casa também era ali dentro, até a casa que os proprietários morava lá dentro foi demolida, a única casa que existe e aquela lá de baixo, que existe do lado do campo beira cima.

Antunes:

-O senhor sabe se o pessoal que morava naquela casa ali chegou a trabalhar lá na época ou não?

João Mourão:

-Trabalhou.

-O pai dele trabalhava lá, o pai dele trabalhava como torneiro mecânico.

Antunes:

-Nam, tá certo.

-O senhor importa de fazer uma foto do senhor ?

Entrevista para o projeto de pesquisa museu Cimba

**Entrevistada: Josefa Serapião (Zefinha)**

Endereço: Rua Machado de Assis, número 443, Bairro São João.

Telefone: 63 9287-7702

Transcrição- Bárbara Dias.

Entrevistada- Não sei falar direito...

Entrevistador- Entrevista número um com dona Josefa. Me fale primeiro, dona Josefa, quando a senhora era criança lá na cidade de onde a senhora vem.

E- Quando criança eu vim de lá pra cá eu tinha um ano de idade, a gente morou num lugar alí que chama bairro de Fátima, perto do aeroporto, num tem? O bairro de Fátima a gente morou lá até... meus 8 ano. Com 8 ano minha mãe resolveu vir embora pra Araguaína, a gente morou na farmácia ali na Castelo Branco, bem na esquina, aquela farmácia ali era uma casa de aluguel do... Santólio, ele é dono do armazém Presidente. A gente morou ali, naquele lugar... um ano, mais ou menos.

Entrevistador-Por que a família da senhora decidiu sair da cidade que a senhora nasceu pra cá?

E- Agora não tenho, asssim... explicação. Porque a minha mãe ela nunca foi casada. Foi mãe solteira e sozinha, só ela e eu. Me teve e tal, aí veio as irmã dela aqui pro... não, veio os cunhado dela aqui pro Goiás, naquela época era Goiás, aí como minha vó já tinha morrido, ficou só meu vô , mas ficou lá com uma amante.

*Intervenção de uma criança:* Boa tarde!

E- Boa tarde! (depoente responde)

*Criança*-Você quer comprar polpa?

E- Não, fi, eu já comprei dum rapaz que passou aqui. Obrigada, tá?! (retomando a entrevista). Aí os cunhado da minha mãe vêi pra cá, ficou um tempo aqui, sem as mulher, só eles. Aí quando eles foi lá buscar as mulher pra vim aqui pro Goiás, aí minha mãe dissá “eu vou também, porquesó eu e minha filha, minha mãe já morreu, meu pai tem outra...”, aí vêi junto, e ficamo lá nesse lugar, ali no bairro de Fátima até completar 8 ano, aí de lá a gente veio pra cá, ali pra Gonçalves Lêdo com a Castelo Branco, e de lá a gente veio pra cá pro meio do nada, porque aqui não tinha nada, tinha um casa lá em baixo, outra casinha, outra aqui, a nossa era a última.

Entrevistador- E lá no bairro de Fátima, nesses primeiros 8 anos, vocês viviam de quê? como era a vida lá?

E- A vida, eu me lembro bem que minha mãe trabalhava na roça, o pessoal fazia as roça, plantava arroz, feijão, ela ia colher, ajudar pra ganhar o dela, e era só eu e ela, ela trabalhava, eu estudava. Com 7 anos eu comecei a estudar, colégio longe, muito longe de onde a gente tarra morando, a gente não ficava nem no bairro de Fátima, ficava numa distância quase que como que daqui pro mercado, numa chapada pra lá, e aí ela ia trabalhar de roça, e quando ela não ia pra roça panhar arroz, feijão, milho, qualquer coisa, ela tava no cocal, sabe o que é cocal? Que quebra coco? Ela ia pra lá todo dia de manhã, lá onde hoje é a barra da grota, ela saía lá do bairro de Fátimo e ia pra Barra da Grota de pé quebrar coco.

Entrevistador- Quebrar coco pra quem?

E- Pra vender aqui pro comerciante aqui em Araguaína. Antônio Cecílio, o nome dele. Ela quebrava o coco, uma quarta de coco por dia, aí vinha, trazia aquele coco. Aí ela ela trazia aquele coco, a loja era bem ali, perto da farmácia, tinha uma loja do rapaz do Maranhão que veio pra cá e montou essa loja. Eles compravam os coco das pessoas, quebravam era uma quarta de coco, conforme seja o tanto. Aí a mãe todo dia quebrava coco e trazia pra cá e vinha de lá pra cá...

*Intervenção filha de dona Josefa*- Mãe fazer assim, que é melhor pra puxar.

E- É. Aí minha mãe vendia, e quando no final de semana ela vinha, recebia o dinheiro, compravatecidos pra nois fazer roupa, pra mim e pra ela, comprava as coisas que a gente precisava lá. Por lá não tinha feijão, assim, tempero, ela

comprava, mas o resto... Assim ela tinha o paiol e ela colocava tudo no paiol, colocava o arroz, o feijão, a fava, farinha tudo no paiol. Eu nem sei se vocês sabem o que é paiol?

Entrevistador- Sei....

E- Conhece? Dentro da casa assim, no quarto empendurado assim. Então ali tinha tudo pra gente, colocava nas roça e botava ali. Depois que nois veio pra cá não tinha mais negócio de paiol, aí foi que eu vim ver ela comprando, ela criava porco, galinha, matava, arrumava a carne, o toicinho, então a gente vivia daquilo ali. Frango tinha muito porque ela criava galinha. Nois não passava precisão. Quando nois chegou pra cá, aí o trem ficou diferente, porque não tinha onde ela irtrabalhar, quebrar coco, apanhar arroz, começou a lavar roupa pros outo, e eu, já com 7 ano, ajudei lá... quando nois chegamo pra cá eu já tinha 8 ano, um ano ainda ficou ali, quando passou pra cá eu já tinha 9, aí eu fui ajudar ela a lavar roupa pros outo, ela saia com uma trouxa e eu saia com outra pra lavar no Raizal, que você saía de manhã e chegava de noite. O Raizal era pra cá, até esse córrego acabou, não tem mais. E assim foi, quando eu completei 12, antes dos 12 eu comecei a trabalhar na casa dos outros, com 10 anos, lavando prato e copo pra ganhar meu dinheiro. Estudar eu estudei até a 4º série, eu falei: “não, estudo pra mim não vai ter futuro não.” Não tinha pai, não tinha irmão, só ela, ela lavando roupa, o dinheiro não dava pra nois duas. Aí eu pensei, “estudar é bom, mas trabalhar é melhor porque tu pega no dinheiro todo final de mês.” Aí eu parei de estudar, não porque ela não quisesse, ela queria, eu que não quis mais, falei, “não vou estudar, já sei ler meu nome, onde eu ver eu leio, voutrabalhar.” Aí comecei, pronto, desembarcei e fui embora. Mas todo final de mês eu tinha meu dinheiro. Eu vendia bolo, tudo que tu imaginar eu vendia pra ganhar aquele dinheiro, pra me sustentar, minhas roupas, meus calçados e ajudar dentro de casa. E fui, trabalhei na Cimba 3 anos, fui aprender a fazer muita coisa, aprendi a fazer porta, aprendi tanta coisa...

Entrevistador- Aprendeu o quê?

Josefa- Porta. Porta de almofada, eu sei fazer. Se me der uma marcenaria com as máquinas tudinho, eu faço uma porta. Mexer com óleo, com arroz, com tudo eu aprendi aí dentro. Com 15 eu saí, fiquei mais um ano de empregada doméstica por aí, nas casa dos ricão, com 16 tava completo, eu entrei no

hospital dona Nelsa. Fui lá e ele disse assim: Você entende de copa? Falei, entendo. Mas não sabia o que era. Eu falei, entendo. Não entendia nada, mas eu precisava, eu tinha é que trabalhar, eu nasci pra trabalhar. “Pois amanhã você vem, tá empregada.” Eu fui, mermã eu não sabia... eu nunca nem tinha entrado num hospital, entrei a primeira vez pra mim trabalhar. Cheguei lá, “meu Deus o que é uma copa mermo?”, disse é aqui, aí a conzinheira lá é muito minha amiga, disse: “óh zefinha aqui é assim, assim, assim...” Falei meu Deus, eu vou dar conta? Aí eu arrochei. É difícil pra você trabalhar num hospital pra ser uma copeira, se você não tiver a cabeça no lugar e paciência e tempo, você não faz nada e não atende as pessoas bem, foi onde aprendi a tratar as pessoas bem, nunca achei um paciente pra reclamar de mim, tinha uma pia cheia daqui como aquele pé de coco, cheia de trem sujo, “oh, você tem que lavar isso aqui tudinho, montar essa bandeja, do leite, do café, da manteiga, do açúcar do pires, é a xícara é o pão”, falei, meu Deus do céu! Mas eu fiz. Passei, passei, fiquei 12 anos dentro desse hospital. Nunca fui chamada a atenção, nunca levei bronca do patrão, nunca falaram: “A Zefinha tá com uma cara!”, porque eu sempre tive uma cara só. Sei que eu trabalhei 30 anos de empregada pros outros. E meu último emprego... trabalhei nesses 12 anos nesse hospital dona Nelsa, 10 anos no hospital do estado, 8 anos no hospital São Lucas, aquele que tem lá embaixo, 2 anos no hospital do Peixoto, 1 ano no hospital das clínicas. Daí pra cá foi só médicos, médicos, só mexendo com médicos, se não era no hospital era nas casa dos médico. Meu último emprego foi com o Dr. Henrique Furtado, trabalhei 2 anos e 10 meses pra ele e hoje abaixo de Deus é ele na minha vida, porque ele arrumou um jeito pra fazer essa cirurgia minha do coração, era muito dinheiro, eu não tinha condições de pagar 45 mil, aonde eu tinha, mermã? Ele falou, eu vou arrumar pelo SUS. Esperei. Agora esse pé, eu tava lá no regional deitada, na esperança só de Deus, mas aí eu consegui, liguei pra ele, tava em sp na praia, falei doutor eu tô assim, assim, assado, mas foi dentro de dois dias eu tava lá dentro do hospital, na maternidade, ele arrumou e eu fui pra lá operar. Não era nem pra mim tá aqui agora, era pra eu tá lá até agora, esperando a vaga, porque tinha 85 pessoas na minha frente e a saúde tá daquele jeito que vocês veem por aí na televisão, mas é aquela história, é melhor ter amigo na praça do que dinheiro no banco. não tem esse dizer? Eu sei que eu vou levando. Tem mais ou menos

uns 15 anos que eu saí desses empregos aí, comecei a trabalhar pra mim aqui, essa lanchonete é minha aqui, mas com esse negócio de crise aí, comércio pequeno, tava virando bola de neve, falei, menino antes de a neve fechar eu vou fechar isso aqui, porque não tava mais dando conta de resolver o problema. Porque você faz uma compra num preço, pensando em ganhar tanto naquilo ali, mas já tava ganhando era menos no que você já tinha gastado. Aí não dava. Era pra eu funcionar agora em fevevereiro, mas vim quebrar o pé agora, fiquei só dentro de casa mesmo.

Entrevistador- Naquele tempo de menina da senhora, que a senhora começou a trabalhar na fábrica, como era o trabalho na Fábrica?

Josefa- Eu comecei a trabalhar na fábrica, comecei... na marcenaria, pegando essas ripa aqui, fazendo os monte dela. Colocava 6 de uma lado, 6 de outro, e juntava 12 né? Marrava com arame em cima dos cavaletes, fazia aquele monte, aquele moi, amarrava, os rapaiz vinham tirar e botavam pra lá, meu serviço era esse aqui óh. O primeiro serviço que eu fiz lá era juntar aquelas ripa, e faze os mói era amarrar, não sabia nem amarrar, os rapaiz me ensinaram, cortava com alicate, os outros vinham pegava e colocavam pra lá.

Entrevistador- Então nessa fábrica tinha diversas atividades?

Josefa- Tinha.

Entrevistador- Quais eram?

Josefa- A primeira era marcenaria, depois fui na estampanaria que é essa que eu tenho a foto lá dentro, eu na máquina trabalhando, estampanaria, né? Depois eu fui pra máquina que fazia aqueles óleos levinha, aquelas latas grandes. Fui trabalhar. Fazia as latra, e depois que eu parei de fazer as latras eu fui pra um lugar onde o óleo passava, aquelas torneirinhas, aí botava uma lata debaixo de cada litro, aí tinha tipo uma torneira, arribava aquele cabo, e os óleos entravam nas latas, quando enchia a gente tornava puxar, puxava pra lá. Cada um tinha uma profissão, um pra encher, outro pra puxar a lata, outra pra tampar, outro pra botar nas caixas, sabe? Aí saí dali e fui pra estampanaria, não fazia o sabão, eu carimbava o sabão. Era tipo um... tipo uma pista, mas aquela pista era uma mola por baixo cheio de sabão e eu tinha que estar lá na frente com o carimbo pra carimbar cada barrinha, porque elas vinham um monte juntas, eu tinha que tam tam tam, sabe? Trabalhei quase um ano, sentada numa cadeira, carimbando. Aí me trocaram, eu tava ali e me botaram na catação de arroz, era

uma correia bem grande de madeira ao redor assim, e longe, e o arroz descia assim, e longe e o arroz descia assim, e era mulher por um lado, por outro, forrado de um monte de saco de estopa por baixo, cada um com uma colher, tirando aquela esculha. Por exemplo, nós 3 aqui, outros 3 ali, aquele que eu não pegasse o outro já pegava, então era cheio de mulher de um lado e de outro, mocinha... trabalhei lá 6 meses, depois de 6 meses eu saí e fiquei trabalhando em um armazém, varrendo, limpando, armazém de tudo. Ele botava aquelas pessoas pra varrerem, limpar.

Entrevistador- Que era da fábrica também?

Josefa- Tudo de lá. Lá tinha armazém, era tipo um supermercado né? A gente varria, fazia tudo. Só sei que tinha 15 anos, eu saí rápido porque eu achava que... né. Já tarra mocinha, acho que já tarra com a corda no pescoço. Quando foi um dia o gerente, que era o Gastão, ele mora bem ali na 2 de Julho, tem esse Gastão que era nosso chefe, ele mora na 2 de Julho, perto daquele bar ali que fica quase na esquina, ele foi um dos nossos chefes lá. Era ele e o irmão dele, mas o irmão dele já morreu, ele falou assim, mandou eu fazer alguma coisa que eu não lembro o que foi, falei, ah eu vou é me embora, não vou fazer nada não, pulei uma calçada maior que esse carro aí. Pulei lá embaixo e vim embora. Uai, fiquei aqui, Fiquei uma semana sem ir, quando deu uma semana ele chegou aqui, “Zefinha tu não vai pro emprego não?”. Vou não, tu vai me gritar, eu não vou. Mas depois eu voltei de novo, sei que com 15 anos eu saí de lá. Aí eu já fui procurar outros emprego.

Entrevistador- essas atividades eram todas ali?

Josefa- A Marcenaria, estamparia, de arroz, de óleo, era tudo ali de uma empresa que era do povo Boa Sorte, do Benedito Boa Sorte, Ademar Vicente Ferreira que era irmão dele, os dois.

Entrevistador- A senhora tem ideia de quantas pessoas trabalhavam na época que a senhora trabalhou lá? Somando tudo.

Josefa- Rapaz, era muita gente, oh! Eu não tenho ideia, mas eu sei que era uma folha assim, que a gente via que tava lotado, uma folha de caderno dessas, livrão grosso, aquele cadernão. Só nois mesmo, mulher, era mais ou menos umas 50 mulher, mulher que eu digo é assim, mulher mesmo, mocinha nova, senhora de idade, senhora de 20 anos, de 30. Nessa base. Quando dava meio dia, eles fizeram um banco debaixo de uma árvore e nois sentava,

era cheio, a gente nunca lembrava de contar, mas era muito. Homem era muito. O pátio ali, que hoje tão fazendo esse parque cimba, bem de frente aquele campo de futebol, ficava lotado de gente pra trabalhar, quando a sirene apitava 7 horas a gente já tava lá, na hora do almoço todo mundo saía, na hora de entrar a sirene pitava, era muita gente.

Entrevistador- Trabalhava até que horas no dia?

Josefa- Rapaz, eu gostava tão tanto de tralhar que eu trabalhava o dia todo até 22:00 da noite.

Entrevistador- E recebia um extra?

Josefa- É, quem trabalhava de noite recebia mais. O pagamento era por quinzena, toda quinzena ele pagava, na outra outra metade, na quarta- feira, tinha uma compra que a gente fazia no armazém, comprava de tudo, tecido, arroz, feijão, carne.

Entrevistador-Era parte do salário, ou vocês compravam essas coisas?

Josefa- Aí quando... no último pagamento que era quinzenal, na primeira quinzena ele não descontava, mas na segunda ele descontava do armazém, aí eles passavam pra gente, era dinheiro mesmo, não tinha negócio de cheque não.

Entrevistador- Mas comprar no armazém deles era mais barato, mais caro ou do mesmo preço dos outros lugares da cidade?

Josefa- Era mais barato, do que no... pra falar a verdade nesse tempo quase não tinha supermercado assim, tinha aquela feira ali, na época era na praça das bandeiras, se a gente tivesse dinheiro a gente ia lá comprar, se não tivesse não comprava. Aí eles colocaram esse armazém, ficou bom pra gente que trabalhava porque já comprava lá e descontava no final do mês. Eu trabalhei lá e gostei, muita gente que... aconteceu muita tragédia que o povo comentava, eu mermo nunca vi nenhuma.

Entrevistador- Que tipo de tragédia?

Josefa- Assim, que dizia que os Boa sorte matava, coisa assim. Mas eu mermo nunca vi uma cena dessa, graças a Deus o véio Demar era muito meu amigo. Aí quando eu passei a trabalhar no hospital dona Nelsa, que eles lá era parente deles aí, eles chegavam lá, era o braço no meu pescoço, “neguinha faz uma café pra mim”... oh, dessa grossura! Então eles foram um bom patrão pra mim, não tenho o que dizer, principalmente seu Benedito. Em chefe também

não, só esse, que gente novo não tem juízo no lugar, mas não tenho o que dizer de nenhum deles.

Entrevistador- E por ter criança, porque criança é custoso, por ter muitas crianças da idade da senhora e outras, tinha muito acidente lá dentro?

Josefa- Não. Eu lembro de um...Deixa eu ver, da Lisete, cortou o dedo na máquina fazendo as tampinhas pra colocar na máquina de óleo, tem uma máquinha, pegava os retalho e botava ali e colocava aquelas tampinhas já. Ela era tampada no meio, aí ela tirava, eu sei que ela foi tirar, tirou as tampas...porque assim, você sentava e batia o pé, quando ela bateu o pé a máquina desceu e tirou as tampa, tirava duas ou 3 peças de ratalho do flande e tirava, aí a máquina bateu, tirou e suspendeu, ela tirava assim com o dedo, quando ela botou o dedo, não sei se ela apertou a máquina, veio de novo, aí torou um pedaço do dedo dela.

Entrevistador- ficou sem?

Josefa- Ficou. E a outra foi na serraria que o cavaco do..do..daqueles pau que a gente arrumava pra fazer porta, que tinha umas madeiras que tinha uns nó no meio, quando chegava na lâmina ou ela torava ou ela vinha pra frente, matou um rapaz, porque veio assim... tam, no rapaz. Foi só uma, ele morreu na hora. E essa menina caiu um pedaço no olho dela e furou, ela foi embora pra Goiânia na época , não sei se já morreu, esses dois eu vi, e o rapaz que a madeira veio . Comigo eu só não fiquei sem minhas mãos porque Deus não deixou, mas as madeira baixou e minhas mão foi assim junto, não tinha como eu puxar, e a sorte é que tinha uma das madeiras que tinha nó e ribou e folgou eu puxei as mão, mas pelou isso aqui óh, que as máquinas eram deste tamanho assim óh, e quando findava assim você não via elas, elas imendavam uma nas outras e iam, era só a conta de cortar as pessoas. Eu só lembro desses dois que teve lá onde eu trabalhava.

Entrevistador- esses dois que a senhora lembra são graves, tem outros que aconteceram que foram corriqueiros?

Josefa- Não, não... no meu tempo só esses mesmo que eu lembro, duma amiga minha que morava aqui na 2 de julho, a outra que morava ali perto da padaria livramento que aconteceu isso na vista dela e foi se tratar e nunca mais voltou.

Entrevistador- A senhora falou que a mãe da senhora criava galinha, porco, depois que vocês vieram pra cá que a senhora começou a trabalhar na fábrica, esse tipo de vida mudou? Como a senhora lembra disso?

Josefa- Mudou, mudou muito. Porque lá a gente vivia, eu vivia pelo que ela fazia pra mim, quando eu cheguei aqui que cheguei meio grandinha, cheguei já tinha uns 9 anos, aí a situação não tarra muito boa. Eu falei, não, pra ficar o que é que eu tenho que fazer? Tenho é que trabalhar, aí foi quando eu comecei.

Entrevistador- A lembrança que a senhora tem daquele tempo, quando a senhora se lembra lá do bairro de Fátima, desse tipo de vida, criando porco, criando galinha, e depois esse outro, do que a senhora tem mais saudade?

Josefa- De quando eu era menina e morava lá.

Entrevistador- Por que?

Josefa- Porque... eu não sei se é porque a gente era menino, e menino tudo pra ele tá bom, brinca muito, sabe? Tem outra liberdade. Eu sempre fui assim. Quando eu comecei trabalhar na casa de qualquer uma pessoa por aqui, eu já tive responsabilidade. Eu já tinha responsabilidade desde quando eu criança. Minha mãe saia pra quebrar esses coco pra lá, pra apanhar arroz, eu com 7 anos ficava dentro de casa e fazia comida, conzinando cru ou salgado eu fazia, chegava tava pronto. Quando ela chegavaa comida tava pronta, e ela me ensinava, joga uma aguinha ao redor, 3 pedra, era onde botava as panela. Ela me ensinava a jogar água, que era pras faísca de fogo não pular nas parede, pra não queimar, entendeu? Não queimar a casa. Aí eu fazia isso, arrodia a panela com água, moiando o chão pra não queimar a casa. Então toda vida eu tive responsabilidade, eu brinquei muito pouco, porque eu tinha que ajudar ela. Eu com 17 anos ainda brincava de boneca, já morando aqui, eu trabalhava mas o dia que eu tinha um tempim era com as boneca, brincando de boneca, era...com 17 anos eu brincava de boneca, mas trabalhava. Já trabalhava, pegava óh, no pesado mermo na casa dos outro. Então hoje eu não tenho arrependimento que eu não estudei, não tenho. Só o que eu pensava na minha cabeça era o seguinte: Eu não vou estudar , eu quero é trabalhar e pegar no dinheiro. Mas no dia que eu tiver um filho, ou uma filha, ou um ou dois, eu vou ensinar pros meus filhos o que eu não aprendi, o que eu não quis, mas eles vão ter que aprender. E assim eu fiz.

Entrevistador- O salário da fábrica era equiparado ao que é um salário mínimo hoje?

Josefa- Acho que era o mesmo, porque o salário mínimo muda de nome, muda de ...porque naquele tempo eu não sei nem como era o nome do dinheiro naquela época, mas era um salário mínimo. Eu tenho 3 carteira assinada, todas 3 tem salário mínimo, não tem nenhuma que não tenho o salário mínimo, nunca ganhei mais do que um salário. Porque a minha profissão era de serviços gerais, que dentro do hospital você faz de tudo. Minha carteira é assinada como copeira, mas no dia que dava de eu ir pra cozinha eu ia fazer comida, quando dizia assim, vamos todo mundo limpar o hospital, eu ajudava. Então, era assim, mas nunca ganhei mais do que um salário. Hoje eu sou viúva, vivo encostada, mas recebo um salário mínimo.

Entrevistador- o que fez a senhora sair da fábrica? Foi uma coisa repentina, a senhora não gostou do que o chefe falou ou a senhora já vinha pensando em sair?

Josefa- Não, eu não vinha pensando, eu saí, na realidade dali, eu pensei esses dias, foi mais ou menos uns oito dias, aí depois eu voltei de novo. Depois com uns 15 anos eu saí porque eu já tava querendo arrumar outro emprego, em outro lugar, porque ali a gente se sujava demais. A gente chegava aqui só o pó da madeira, quando chegava nessas horas assim, nois tava aquele mooonte de mulher carregando aqueles caixotes assim, de pó de madeira, aquelas serragem, nós tinha que deixar a marcenaria limpa. Cada uma pegava um caixote, enchia e colocava na cabeça. Parecia um formigueiro. A gente jogava lá no pé do arame, sabe? Aí eu falei, ah eu tneho que sair daqui. Quando surgiu essa vaga no hospital, a mulher me falou, essa que me levou lá, aí eu peguei e saí. De lá eu fui pro hospital. Saí, fui lá e consegui pra lá. Mas eu saí mermo porque eu quis, igual do estado, do estado eu saí porque eu quis, do hospital São Lucas eu saí e fiz acordo, porque agora tem que fazer acordo pra não sair assim de qualquer jeito, saí do hospital do estado também de boa. Não tenho problema nenhum com empresa por onde eu passei.

Entrevistador- A senhora lembra se a existência da fábrica movimentou mais o comércio da cidade, se melhorou?

Josefa- ixiii, muitooo! Porque naquela época em que ele chegou aí, Araguaína não tinha quase nada. Muita gente desempregada não tinha emprego.

Entrevistador- quando a fábrica foi instalada, a senhora já tava aqui na cidade?

Josefa- Nós já morávamos aqui há muito tempo, eu cheguei aqui com 9 anos, quando eu entrei lá eu tinha 12. Já tinha uns 3 anos que nós morava aqui, já.

Entrevistador- A senhora lembra se vinha pessoas de outras cidades já direto pra trabalhar na fábrica?

Josefa- Vinha gente de Muricilândia... nam eles botaram essa empresa aqui e compravam fazendas pro lado de Muricilândia, que fica depois do Pé do Morro. Vinha gente de lá, do Pé do Morro, arrumaram fazenda pra lá do Brejão. Então era assim, vinha gente de vários lugar.

Entrevistador- A gente teve algumas informações, mas não temos certeza, de que eles tinham uma vila própria da fábrica.

Josefa- Tinha, de casa, dos empregado moravam.

Entrevistador- Onde era?

Josefa- Aqui mesmo, onde tão fazendo esse parque Cimba aqui, era alí. Naquela rua assim, por dentro, debaixo daqueles pé de manga, porque a casa deles é a primeira casa da entrada, ali mesmo. Ainda tem uma casa, descendo a 2 de Julho, ainda tem uma casa, depois do campo que ainda mora gente, aquelas construções ainda é daquele tempo, onde tem uns muro assim, bem ali era o armazém. Aquelas parede ainda tão lá ainda, agora no fundo disse que mora umas pessoas, mas eu só passo lá e vejo, ainda mora gente ainda. Esse lado todinho era cheio de casa, morava Gastão, morava Betim que era irmão do Gastão, morava Elias, morava o...tudo funcionário deles. Eu conheci ...

Entrevistador- As casas eram deles, da fábrica?

Josefa- Era, eles construíam, não era telha, era zinco, parece, sei que era uma casa toda pregada na madeira, era cheio e eles moravam tudo ali. Tinha até chegar nessa rua aqui, do lado de lá, era cheio de casa dos funcionários dele que moravam ali,

Entrevistador- A senhora lembra de quando a fábrica fechou?

Josefa- Agora eu não lembro, não lembro não. Eu saí e foram fechando assim, foram embora, ficando, ficando, e hoje uma das donas que era daí mora no Frimar, mulher do Ademar, a dona Elza, ela mora no Frimar, aí o ano que fechou eu não lembro mais.

Entrevistador- Então não foi uma coisa assim, porque pelo que a senhora me diz, com a fábrica movimentou muito a cidade, mas o fechamento não fez muita diferença, é isso ?

Josefa- Não, é que naquele tempo...o manda chuva da época em que chegaram era eles, eles eram quem dominava a cidade. Se um funcionário fosse preso, eles interditavam essa rua todinha e mandava a polícia soltar, se não soltasse o negócio iria ficar feio. Mas não ficava nada, porque eles se chegasse lá, podia ser quem fosse, que fosse preso por qualquer crime perigoso, falasse assim: é da Boa Sorte, é? então solta. Era assim, eles tinham que soltar. Agora eu não lembro se quando eu casei já existia a Cimba. Não lembro. Foi em 1977 que eu casei, eu não sei se eu tinha 22 anos, não lembro mais, sei que eu tinha mais de 20 anos e parece que não existia, mas não tenho certeza. Porque foi assim, eles foram embora e ficaram umas pessoas aí dentro, morando, umas casas foram caindo, foi acabando, até que acabou.

Entrevistador- Então não foi acabando de uma vez?

Josefa-Não, foram tirando as máquinas, e depois fizeram o Frimar.

Entrevistador- A senhora chegou a trabalhar lá?

Josefa- Não. O Frimar acho que até hoje é deles ainda. E esse livro, se levaram os trem do escritório tudo, meu nome tá lá no meio.

Entrevistada entra pra dentro de casa para pegar as fotos da época.

Fim da Entrevista.

#### **4ª Entrevista com senhor Antônio.**

ENTREVISTADOR: Professor Antunes.

(Inaudível) Áudio com defeitos técnicos.

MARIA: Esposa do senhor Antônio.

ENTREVISTADOR: É...

ANTÔNIO: Antes de vim pra cá, eu morava em Nazaré né, Nazaré ali depois de Tocantinópolis. Ai meu pai, resolveu vim pra cá, pra Araguaína, aqui não era chamado Araguaína, era Lontra. Ai meu pai veio pra cá em 68, ai eu tava em Ananás, ai resolvi vim com ele aqui também, ai quando chegemo aqui fiquemo ai, em Araguaína. Saímo, de Nazaré nem a casa lá nois num vendemo, nem nada, nois larguemo lá, nunca mais pisemo lá, a casa tá lá, quem tiver armado dentro é o dono... (risos), né o governo nem nada (risos). Tá com 40 e poucos anos, nois chegamo prá cá em 68.

ENTREVISTADOR: Qual a Idade que o senhor tinha?...Quando...

ANTÔNIO: Eu tava com 20 anos.

ENTREVISTADOR: E lá em Nazaré, é... Como era a vida de vocês?

ANTÔNIO: A nossa vida lá era na roça, na roça...

ENTREVISTADOR: Pois fale tudo que o senhor lembra desse momento?

ANTÔNIO: Morando na roça, meu pai tinha uma chacarazinha lá, Uma fazendinha né! Ai, nois criava gado, criava animal, porco, galinha. O meu irmão trabalhava naquele tempo era cem né, que... chamava a malária, ai tomou de

conta, da... da, ai casou e meu pai deu essa fazendinha lá pra ele toma de conta, e tinha muito babaçu, ai eu pegava e quebrava () juntava aquele babaçu, botava aquelas muier de junto, quebrava o babaçu, ai ele vinha vender em Tocantinópolis, no Joaquim Farias.

ENTREVISTADOR: E, qual o motivo do seu pai ter vindo para Araguaína?

ANTÔNIO: Não ele saiu de lá por que ele via falando de Araguaína aqui né, ai ele disse, “ nam, eu vou olha essa Araguaína lá”, aqui era lontra lembra?!, num tinha o nome Araguaína era lontra, ai ele veio pra cá, ai aqui ele... só fiquemo por aqui, ai foi no tempo que tudo isso aqui era envazão, ai nois tiramo essa quadra aqui, daqui da muricizal a 2 de Julho, isso aqui tudo era nosso, isso aqui e por ali passando na maquina de assis, essa casa tudim aqui foi nossa.

ENTREVISTADOR: Ai foi vendendo?

ANTÔNIO: Foi vendendo, nois fazia de taipa, ai chamava “enchu da Sabina preta”, ali onde é o setor Noroeste, “enchu da Sabina preta”. Ai lá tinha muita palmeirinha né ai nois tirava os talos do coco e lá em cima tinha uma areia branca, chamava areia branca, ai nois tirava as furquia, fazia de taipa ai nois vindia as casas. (Tosse)

ENTREVISTADOR: Bom o senhor já tinha 20 anos, quando veio pra cá, quais foram as mudanças que o senhor quando veio pra cá, quais foram as mudanças que o senhor sentiu, entre começar a vida aqui, com a vida que o senhor tinha lá? O que é que mudou? Como é que o senhor sentiu isso?

ANTÔNIO: Ah... Mais o que mudou, foi sobre o emprego né, que nois lá vivia só na roça tudo, num vivia da roça por que quase não trabalhava na roça. Eu... A minha primeira profissão foi de sapateiro lá em Ananás, ai de lá eu vim pra cá. Tive também na fazenda Bradesco no Pará, meu pai já tava aqui, ai chegou um povo lá e eu peguei, um carro e fui pra fazenda Bradesco, depois de Conceição do Araguaia tive lá, ai depois voltei pra cá de novo, ai aqui quando cheguei me fichei na CPPO, CPPO ajudei a fazer esse asfalto daqui a Colinas, Belém – Brasília, os trator ainda estava derrubando pau, mas ajudei fazer né. 72 esse asfalto ai, ai depois disso, ai eu fui lá em Ananás, roubei essa muier e me casei com ela. (risos)

ENTREVISTADOR: Como assim cê roubou! Me conta essa historia?

ANTÔNIO: Nam eu a roubei por que... (risos) é... ela é evangélica né, nasceu na igreja e tudo, a mãe dela num tava nem ai, ai eu vivia so na pinga, ai o pai

dela num queria o casamento, e nesse tempo ela trabalhava na CPPO né, já tinha namorado com ela e vim embora pra cá e fiquei na CPPO, ai deu mês de Junho que era férias, tava de férias, ela tava estudando lá em Tocantinópolis, digo agora eu vou em Ananás, se ela ta de férias vou me encontrar com ela (risos). Ai eu tive lá e voltei lá, a... fui... e ela disse que num era de minha intenção pedi o pai dela, que o pai dela não dava que ele tinha raiva de mim, por que só vivia na pinga, se eu quisesse roubava, eu digo então prepara ai que tu vai mais eu. (risos).

ENTREVISTADOR: E casaram... rrsrs?!

ANTÔNIO: Ai eu roubei ela lá e trouxe pra cá...

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Casamos em 72.

ANTÔNIO: Ai trouxe pra cá, e casemo em 72 e ainda hoje tamo junto vai pra 45 anos né Maria?!

ENTREVISTADOR: Então o roubo aqui foi bom?

ANTÔNIO: É... E graças a Deus estamos dando certo até hoje.

ENTREVISTADOR: É, quando é que o senhor começou trabalhar na fabrica?

ANTÔNIO: Aqui... Aqui foi...

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Nois já tinha casado, mais já tinha o Leo, foi mais ou menos em 74 parece, na minha idade.

ANTÔNIO: Não é 73, foi em 73, ta bem ai a profissional a carteira.

ENTREVISTADOR: Aham!

ANTÔNIO: Em 72 eu trabalhei na CPPO...

ENTREVISTADOR: Hum...

ANTÔNIO: Ai depois de 69 cheguei pra cá... 68. 60 e... foi 69 eu fiz um curso pra policia bem aqui, que bem ali oh, a onde é o...o.... Bem aqui que era... Isso aqui Maria. É onde é esse José Luis... não aqui oh... (), Guilherme Dourado, Guilherme Dourado, ali tinha uma feira ali né, ai mais ali em baixo nem tinha outro Colégio, descendo ali, num tem aquele colégio aqui desse lado, ali era o quartel ai eu fiz as prova pra policia ali, ai passei em tudim, mas não fui, ser a policia porque tinha de ir pra Goiânia, e nesse tempo a capital era Goiás né, Goiânia, ai meu pai num teve condições, num mandou nois pra lá, ai trabalhei no Cimba ai.

ENTREVISTADOR: Quantos anos o senhor trabalhou no Cimba?

ANTÔNIO: Trabalhei três anos!

ENTREVISTADOR: Três!

ANTÔNIO: Aram...

ENTREVISTADOR: O senhor lembra mais ou menos quantos funcionários tinha?

ANTÔNIO: Funcionário tinha muito.

ENTREVISTADOR: Mas 50... 100?

ENTREVISTADO: Por que só dentro Da... Da... marcenaria pareci que tinha 20, só na Marcenaria que eu trabalhava, mais na marcenaria né, eu trabalhava lá fazendo porta, portal, e forro, asualho, madria, essas coisas assim, ai lá também eu trabalhei também no saborio, tinha o saborio, tinha a refinaria de óleo, que tinha o óleo levim, tinha a serraria, ai tinha ... a primeira radio que surgiu aqui foi de Benedito.

ENTREVISTADOR: Benedito Boa Sorte?

ANTÔNIO: É...

ENTREVISTADOR: Como é que era o dia a dia na fabrica?

ANTÔNIO: É bom, se trabalhava o dia, ai vinha em casa almoçar, ai depois voltava de novo, fim de semana, todo dia de 15 em 15 dias, nera Maria?! Ele matava um Gado, porco, ai você fazia a feira pra casa ai descontava no outro pagamento, ali cê tinha um óleo, um sabão, você tinha a carne, um arroz, tinha um feijão, tudo ali.

ENTREVISTADOR: Eles tinham um armazém né?

ANTÔNIO: É eles tinha um armazém, de tudo.

ENTREVISTADOR: E compensava comprar deles ao invés de comprar de outro?

ANTÔNIO: Compensava, compensava por que ele vendia mais barato pra gente e tinha um prazo de desconto, ele vendia esse mês, pra descontar no outro mês.

(pausa)

ENTREVISTADOR: É...

ANTÔNIO: Trabalhei também de cuca, pra eles na levinha (risos). Ate de cuca (risos) eles puxava tora do mato, pra explorada né?!

ENTREVISTADOR: Hum rum.

ANTÔNIO: Já, pá beira da estrada, ai eu fui pra lá cozinhar pros motoristas.

ENTREVISTADOR: RHum rum! Ah... de onde vinha o coco, pra extração do óleo?

ANTÔNIO: O coco, o coco acho que vinha de... Nazaré... é de Nazaré. Por que naquele tempo não tinha a tobasa? que é a que tinha lá em Tocantinópolis.

ENTREVISTADOR: O senhor falou que o irmão do senhor, trabalhava com a quebra, né do coco babaçu... ( interrompido pelo entrevistado)

ANTÔNIO: Não aqui ele vinha o coco inteirinho, ele quebrava o coco inteirinho.

ENTREVISTADOR: Ah... Ele num chegou a fornecer pro cimba não?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Tinha não ele quebrava era lá nas terrinha do pai dele.

ANTÔNIO: Não ele fazia o coco era aqui mesmo. É...

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Era pouquim, assim mesmo só pra venda mesmo.

ANTÔNIO: No tempo que nois morava lá em Nazaré, nois quebrava la mesmo. Aqui eles... quando eu vim pra cá, eles tavam comprando de Tocantinópolis.

ENTREVISTADOR: Ata.

ANTÔNIO: Nazaré, Angico, setor Borges.

ENTREVISTADOR: Ah de Vários Lugares?!

ANTÔNIO: É de vários lugares, daqui de perto mesmo.

ENTREVISTADOR: A vida do senhor, da família do senhor, teve alguma mudança importante, depois que o senhor trabalhou no Cimba, durante o tempo que o senhor trabalhou lá?

ANTÔNIO: teve... teve por que eu trabalhei no cimba, depois, sair dai fui trabalhar na na maderera né... madeireira “ ceba” que é do Benedito também ali onde é... lá em cima, trabalhei lá ai de lá, eu fui..

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Frimar.

ANTÔNIO: Frimar! Trabalhei na frimar tambem.

ENTREVISTADOR: Que é deles também?

ANTÔNIO: É também do Benedito, lá no matador. Trabalhava lá

ENTREVISTADOR: Tinha... acontecia muito acidente na fabrica, na época que o senhor trabalhava lá?

ANTÔNIO: Não, foi que eu trabalhei pouco tempo lá, trabalhei pareci que foi dois mês, num foi?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Onde na Frimar?

ANTÔNIO: É.

ENTREVISTADOR: Não no Cimba, aqui na fabrica!

ANTÔNIO: Aqui eu trabalhei uns três mês. Não aqui, quase não dava acidente não. Só eu que tive um acidente ai!

ENTREVISTADOR: Qual?

ANTÔNIO: Aqui oh comeu uma banda do dedo (risos).

ENTREVISTADOR: Na Serra?

ANTÔNIO: na serra, né? ai a circular né? a circular não, a desempenadeira, ai a tauba pra fazer forro, esse forro aqui oh, ai quando tinha um nó no mei da tauba, ai eu digo essa tauba, vai e eu passo assim empurrando com a mão, digo assim essa tauba vai torar bem aqui, ai eu peguei ela e empurrei com o dedo... Ai tãm quando chegou bem no mei do nó a tabua voou um pedaço pra lá, e um pedaço pro outro e o dedo pá em cima. (risos) ai virou só a (Inaudível).

ENTREVISTADOR: Mais o senhor não lembra de ter tido nenhum acidente assim, fatal ou muito grave?

ANTÔNIO: Não, o acidente fatal que teve ai no Cimba ai, foi naquele... Foi só o cara que morreu lá no açougue ai, veio de Goiânia, ai tinha um açougue ai, Nego banhava ai dentro, maior do mundo ai. Morreu afogado, num foi Maria?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Não um acidente grave que teve ai um tempo num foi ai não, foi ali pra cima, num que pareci que teve um... incêndio.

ANTÔNIO: Não... foi ali, foi ali um coisa que estourou, que lá tinha muita dinamite, que eles mexiam lá naquela quebração de pedra.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Foi!

ANTÔNIO: Ai eles tinha uma casinha lá e tava cheio de dinamite, ai pegou lá, e estourou lá e morreu o cara.

ENTREVISTADOR: Eles tinha casas também?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Tinha, casas... onde as pessoas morava.

ANTÔNIO: Tinha!

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Essa rua aqui mesmo, até a 12 de Julho era casa.

ANTÔNIO: Bem daqui ó ate na 12 de Julho tudo era casa de taipa.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: E de tijolo também!

ANTÔNIO: É de tijolo também. Tudo era deles. Agora os empregados... os empregados moravam ai oh.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Ai morava os trabalhadores, os que vinha de fora.

ENTREVISTADOR: O senhor chegou a morar numa dessas casas?

ANTÔNIO: Não, não, meu cunhado que morou, meu cunhado morou, minha cunhada a Rosilene.

ENTREVISTADOR: E era cedido ou as pessoas pagam aluguel, o senhor sabe?

ANTÔNIO: Não, num pagava não, pagava aluguel não.

ENTREVISTADOR: E... o que era produzido aqui na fabrica? Sabão, óleo, se a caso tinha beneficiamento de arroz?

ANTÔNIO: Sabão, óleo... é....

ENTREVISTADOR: Ficava mais aqui em Araguaína ou ia pra outro lugar exportado? Era exportado como é que era?

ANTÔNIO: Era madeira, era... era... porta, portal... é .. é o que a gente fazia.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: (Inaudível)

ANTÔNIO: Ia pra fora, pra fora... exportava pra fora.

ENTREVISTADOR: Como é que o senhor vê oh...

ANTÔNIO: A maior parte dos move, dos move que fazia aqui, porta tudo era pra fora. O óleo o sabão tudo era enlatado.

ENTREVISTADOR: É... como é que o senhor vê a importância da fabrica, pra cidade, ela foi importante, não tanto assim, como é que o senhor vê isso?

ANTÔNIO: Olha acho que Araguaína cresceu mais com esse negócio ai, e o movimento que tinha.

ENTREVISTADOR: Hum...

ANTÔNIO: Era Cimba... era o que tinha.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Só ficou uma área deserta.

ANTÔNIO: Ai fechou, lá e ficou lá deserto.

ENTREVISTADOR: O senhor ainda trabalhava nela quando fechou?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Não...

ANTÔNIO: Não trabalhava... xo vê..

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Não!

ANTÔNIO: Não trabalhava não.

ENTREVISTADOR: Mas deu pra senti assim, que com o fechamento, a cidade sofreu... algum baque assim na economia?

ANTÔNIO: É... Sofreu por que... tinha um movimento né, devido o movimento que tinha né, e o assunto do dinheiro, essas coisas assim, muito caro né...

fechou cabou. E nesse tempo chamava Senador Benedito tronico, foi botado pelo povo não...

ENTREVISTADOR: Os Militares né?

ANTÔNIO: É (Inaudível) Senador Vicente Ferreira, tinha o Demasão. Demasão foi que o cara matou ele lá dentro da fazenda.

ENTREVISTADOR: É.. Quantos filhos o senhor tem?

ANTÔNIO: Tem dois homens e uma mulher, três.

ENTREVISTADOR: Já tão casado?

ANTÔNIO: Tudo já tão casado, um mora em Santarém, a muier mora em Goiânia, que é a mãe dessa menina aqui que chegou hoje de lá. E o outro mora ali no raizal o mais novo.

ENTREVISTADOR: Depois que o senhor saiu do Cimba. É... em quantas atividades o senhor já trabalhou, é.... o senhor já aposentou?

ANTÔNIO: Não...

ENTREVISTADOR: Não! Trabalha ainda até hoje

ANTÔNIO: Trabalho.

ENTREVISTADOR: Com o que?

ANTÔNIO: Eu tenho uma oficina, eu mexo com radiadores.

ENTREVISTADOR: Até. E de lá pra cá, desde que saiu do cimba até agora, quantos tipos de atividade o senhor trabalhou?

ANTÔNIO: Bom quando eu sai de lá, foi o unico serviço que eu fiz foi na CPPO. Dai da CPPO, quando acabou a obra né, a obra fechou. Ai eu fui pra Tocantinia, e tomei de conta lá de uma maquina, lá nesse tempo, quando eu trabalhava na CPPO eu trabalhava de auxiliar de mecânico, ai fui pra lá toma de conta, de umas maquina lá. Trabalhei sete meses lá, plantando arroz, ai sai de lá e vinha direto pra oficina, ai fui aprender a mexer com radiador, mecânica tudo e ai, a única coisa que eu fiquei mesmo foi o radiador. Até hoje eu to ai.

ENTREVISTADOR: Ai o senhor tem uma oficina própria agora?

ANTÔNIO: Foi, desde 76.

ENTREVISTADOR: Vamo voltar um pouquinho nessas comparações, entre a vida que o senhor tinha, em Nazaré, e depois em Tocantinópolis, Tocantinópolis né?

ANTÔNIO: Não Tocantinópolis tive não.

ENTREVISTADOR: E qual foi?

ANTÔNIO: Ananás..é...

ENTREVISTADOR: É a vida que o senhor tinha lá, nessas duas cidades, e depois veio pra Araguaína, queria que o senhor puxasse na memória assim, as mudanças que ocorreram na vida do senhor, da família do senhor?

ANTÔNIO: Ah... a mudança é o seguinte é que Araguaína foi crescendo né e aí foi saindo loteamento, aí foi abrindo coisa aí, e outra coisa e lá vai, e hj tá no que tá no que tá né... e tem muita diferença.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: E o trabalho também né?!

ANTÔNIO: E tem o trabalho também, por que quando nois vinhem pra cá nois, eu já trabalhava, e a muier não trabalhava, por que não tinha... depois que fez um cursozinho aí na... na... Prefeitura, fez no estado nois, trabalhou no estado e município ela, aí isso aqui oh, isso aqui era tudo uma chapada mais feia do mundo, só areia só areiaisso aqui, tinha um poço bem ali oh, onde nois pegava a água, bem aí onde tá esse carro no meio da rua aí, pegava água com a mão (risos). Isso aqui os Zeca Barro, jogava lixo bem aí oh, e quando nois chegamo pra cá o prefeito era anatorio, aí passou pro Zeca Barros, carrega lixo era no girico, carretinha de girico (risos)

ENTREVISTADOR: Ah...

ANTÔNIO: Hoje tá muito diferente né?

ENTREVISTADOR: E o senhor senti saudade daquela época, de alguma coisa que de dê saudade no senhor?

ANTÔNIO: Saudade daquela época só se voltasse meus 20 anos (risos), Por que, por que hoje pra mim tá bom né, hoje o que importa é a saúde né, eu já vou pra 68 anos e to desse jeito (risos). Tinha um senhorque veio de Goiania e falou né, quantos anos o senhor tem? Aí eu falei to com 68, aí ele disse rapaz, e to com 55 anos (risos).

ENTREVISTADOR: Eu to com 53, e não apresenta tanta diferença assim (risos). É ...ah... Quando a Fabrica fechou já havia, outras possibilidades de emprego na cidade? Bastante ou ela ainda era uma das coisas...?

ANTÔNIO: Não já tinha quando ela fechou, já tinha a Frimar, tinha a Frimar. ( suposta neta ao fundo: bença. ENTREVISTADO: Deus abençoe), ( suposta Neta: boa Noite. (todos) Boa noite). Que era dele também do Benedito, que eu também trabalhava muito em serraria deles lá em Ananás, eles também tinha outra serraria lá, ele tinha muita obra aí, tinha muita coisa.

ENTREVISTADOR: E o comércio da cidade, já havia crescido mais? continuava...?

ANTÔNIO: Já..já , a diferença quando nois que tinha crescido muito, depois que fechou essa fabrica né Maria?

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Aram...

ANTÔNIO: Tinha crescido demais...

ENTREVISTADOR: Ai depois pelos anos 70, 70... 75 mais ou menos, é... O centro da cidade, já era asfaltado como era aquilo ali?

ANTÔNIO: Não!

ENTREVISTADOR: Não?

ANTÔNIO: Era tudo no barro, ali oh, onde eu saia daqui, pra... o entroncamento, eu vinha aqui por dentro, aqui oh, ali onde passa na federal ali sabe, ali tinha uma mata, tinha uma maria mole...

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Era difícil.

ANTÔNIO: Ali naquela neblina tinha um pau chamado pinguela né (risos) nois passava por cima, era só o trierozinho, igual trierozinho onde passa porco. Quem vinha da cônego João lima, era só aquela estradinha reia de barro num tinha asfalto num tinha nada.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra mais ou menos, quais as primeiras ruas ali no centro que foram asfaltadas?

ANTÔNIO: Foi... ali o que foi asfaltado foi a cônego João lima, 1º de Janeiro , a 13 de Maio.

ENTREVISTADOR: mais ou menos em que ano?

ANTÔNIO: Mais ou menos... ah

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Agora o ano eu não lembro...

ANTÔNIO: O ano eu não lembro.

ENTREVISTADOR: Mas já era ano 80, mais ou menos ou ainda foi na década de 70?

ANTÔNIO: Acho que foi de 80 pra cá... aqueles... aquelas ali oh Conego Joao Lima, de onde tem esse show preto, ali oh ( ) aquele loteamento ali, um lote do, onde saiu aquele loteamento era 2.000 cruzeiro um lote na frente né, lá atrás ficava 500 mil cruzeiro, 500 mil cruzeiro, num sei nem falar (risos). ( ) o ali era um que trabalhava aqui no cimba, Tarcizo... Tarcizo também era o gerente lá da ...do escritório. E hoje ele trabalha na radio né.

ENTREVISTADOR: aram..

ANTÔNIO: O senhor conheci ele?

ENTREVISTADOR: sei quem é...

ANTÔNIO: (Inaudível) era o mesmo que ser filho do Benedito, que eletoma de conta de tudo, o Eli, o Eli também deve ter o Tarcizo...

ENTREVISTADOR: voltando um pouco a fabrica, trabalhou mulher lá também?

ANTÔNIO: Trabalhava!

ENTREVISTADOR: muitas?

ANTÔNIO: muitas.

ENTREVISTADOR: Aproximadamente quantas, 20.. 30.. 50?

ANTÔNIO: na marcenaria trabalhava bem umas 6.

ENTREVISTADOR: na marcenaria também trabalhava mulher?

ANTÔNIO: Trabalhava na limpeza, carregando tauba e tudo e portanto muito... (risos).

ENTREVISTADOR: e pessoas menores de idade?

ANTÔNIO: Não!

ENTREVISTADOR: Não, Nenhum?

ANTÔNIO: Não trabalhava menino lá não!

ENTREVISTADOR: Tipo 15, 16 Anos? Num tinha?

ANTÔNIO: Não num lembro não.

ENTREVISTADOR: Tem alguma coisa a mais que o senhor gostaria de falar, sem eu perguntar que o senhor lembra, que o senhor acha importante, que vem sempre na lembrança do senhor?

ANTÔNIO: o que vem na lembrança é só que tinha muita gente, cresceu demais, e nego trabalhando, de dia, trabalhando de noite, que o movimento era de dia e de noite, (risos) num parava né. Era carro chegando carro levando, carregando tora, deixando tora, e o pau ia comendo..ai de dia e de noite.

ENTREVISTADOR: Tá certo.

ANTÔNIO: E era muita gente.

ENTREVISTADOR: assim normalmente é... a memoria da gente vai ficando, meio quieta, no canto...

ANTÔNIO: É...

ENTREVISTADOR: Mais ai quando, quando começa a falar sobre aquilo, a memoria da gente volta... a busca daquelas coisas.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: E vai voltando.

ENTREVISTADOR: Então assim se o senhor não se incomoda, eu gostaria de voltar aqui outra vez pra gente conversar mais sobre isso, que como a gente começa a falar, sobre isso é possível que o senhor lembre de mais uma coisa.

MARIA ESPOSA DO ANTÔNIO: Lembrar de mais coisas, não eu poderia ter falado isso.

ENTREVISTADOR: Exatamente, e se não for incomodo pro senhor a gente gostaria de voltar outro dia aqui, que for bom pro senhor, daqui uma semana, ou quinze dias, não importa, quando o senhor achar..

ANTÔNIO: Não nahora que você quiser vim aqui, cê manda o menino me ligar, ele já sabe o numero ai...

ENTREVISTADOR: Ai a gente conversa mais, conta mais coisa.

ANTÔNIO: poiser.

ENTREVISTADOR: E outra coisa (Inaudível).

AGRADECIMENTOS....